

Trimestral
Genebra
Suíça
Ano VII
fevereiro
2008

Bilingue

Distribuição gratuita

Pessoas

n°28

encontros culturais

Análises

Comentários

Contos

Crónicas

Entrevistas

Eventos

Galeria

Opiniões

Poesia

Roteiros

Matemática a Brincar

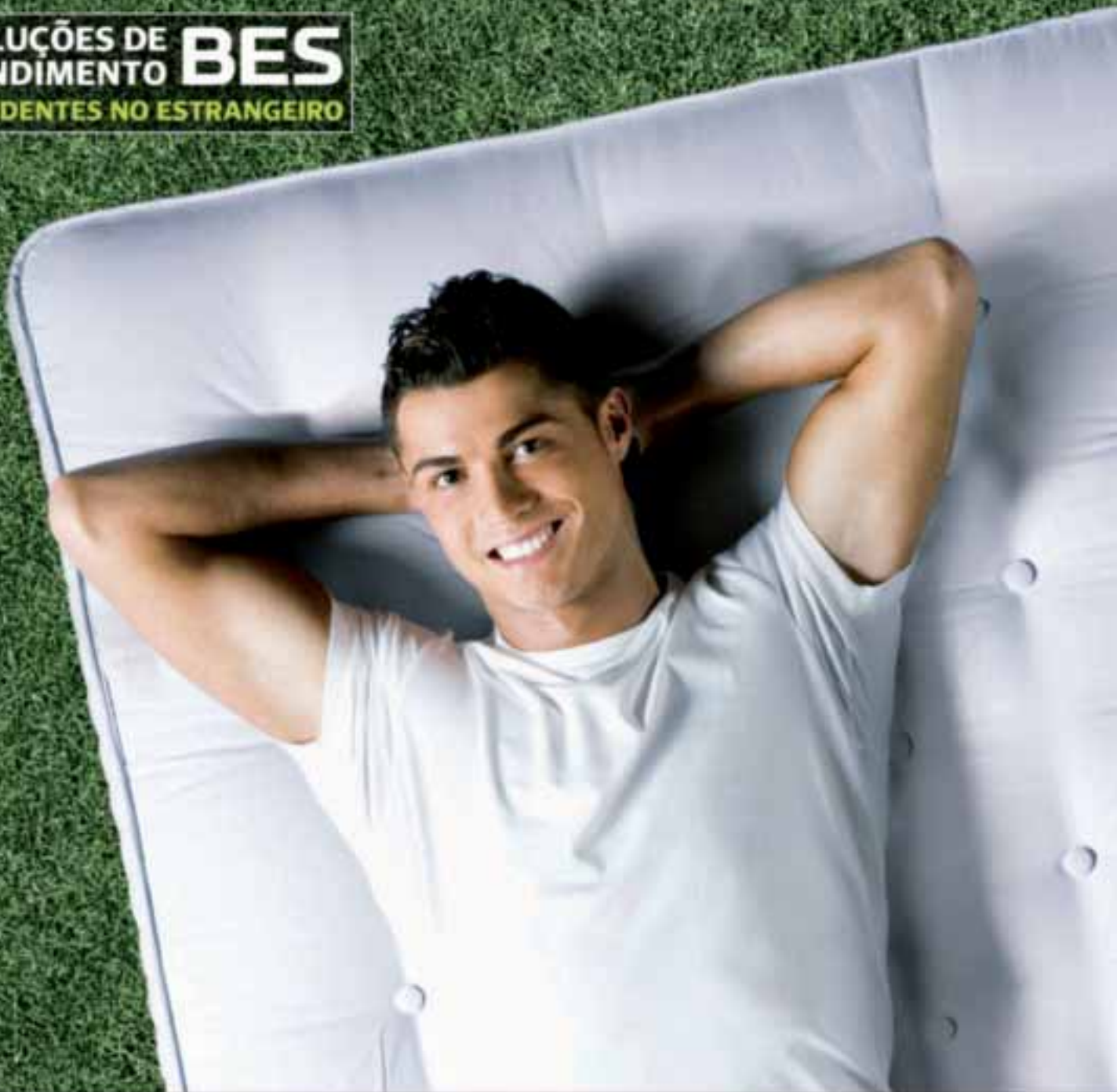


Coordenadoras do projecto

*Dras. Maria Manuel Torres
Maria Adelaide Carreira*

O RONALDO É COMO O DINHEIRO, PARADO NÃO RENDE

SOLUÇÕES DE
RENDIMENTO **BES**
RESIDENTES NO ESTRANGEIRO



O Ronaldo, como o seu dinheiro, não rende se não for aplicado. O BES é o banco com as melhores soluções de investimento para quem vive e trabalha no estrangeiro, como é o seu caso ou o do Cristiano Ronaldo. É o banco com as melhores rendibilidades em produtos que vão de soluções de capital garantido, taxa fixa ou taxa variável, de curto, médio ou longo prazo até soluções para a sua reforma. E sempre com gestores disponíveis para si a qualquer hora e em qualquer parte do mundo. Para também triunfar no estrangeiro, mexa-se. Venha ao BES, onde a aplicação rende.



**BANCO
ESPIRITO
SANTO**

Quem
sabe, sabe
e quem se mexe
é que sabe

Av. de Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne Tél. +41 21 614 00 14 • Fax: +41 21 614 00 15 Câmbio +41 21 614 00 16

WWW.BES.PT E-mail: emigr@bes.ch • BESDIRECTO: 008000 24 7 365 0

ficha técnica

Propriedade

L.C.

Director

António Pinheiro

Edição

A.P.I.C.

Chefe de Redacção

Luz Neto

Redactores permanentes

António Louçã
Benjamin Ferreira
Catarina Reis
Mafalda Oleiro
P. Bártoło
Rosa Adanjo

Colaboraram neste número

Aderbal Xisto Gomes
António Santos
Casimiro Oliveira
Eduardo Castro
Gabriela Silva
Luís Alves Costa
Luís Cardoso
Luisa Costa
Lurdes Trindade
Miguel Neves Passarinho
Rose-Mary Magnin

Grafismo e Paginação

Eduardo Pinho

Fotografia

António Pinheiro
Octávio Xisto

Publicidade

Gabriel Bettencourt

Pessoas magazine

CP 1877

1211 Genève 1

Bd. James Fazy 18

1201 Genève Suisse

Tel +41 22 738 85 25

Fax +41 22 738 88 37

pessoasmagazine@bluewin.ch

Periodicidade trimestral

Assinatura

20 frs / ano – Suíça

40 frs / ano – Europa

Tiragem deste número

5.000 exemplares

Distribuição gratuita

Leia a **Pessoas** na internet
www.espacoportugues.ch
www.livraria-camoes.ch

sumário

- 4-5 ----- Editorial
- 6 ----- A desvergonha de alguns salários
- 7 ----- Elogio do tiranicídio
- 9 ----- Notas soltas
- 12 ----- Cinema social – cinema sem alma
- 14 ----- Cartomantes, bruxas, astrólogos e magos...
- 16 ----- Comunicação – Dissertação...
- 18 ----- D. João de Castro, vice-rei crisóstomo
- 21 ----- Caramba Manuel
- 23 ----- Entrevista – Matemática a Brincar
- 32 ----- Partilhe a sua felicidade com outros
- 33 ----- Entre Museus, Rapaduras e Quiabos
- 35 ----- A oliveira na poesia popular
- 36 ----- O respirar das flores
- 38 ----- Um impossível epitáfio para Luíz Pacheco
- 41 ----- Via Láctea
- 42 ----- Roteiros – Palácio das Nações Unidas
- 45 ----- Brigada Ligeira
- 46 ----- Endereços úteis



Nous ne naissons pas seulement pour nous-même.

PESSOAS est apparu en mars 2001, avec comme sous-titre *Rencontre culturelles* et dès lors les rencontres se sont succédées, chaque fois plus dynamiques, avec des thèmes plus variés, avec un habillage plus attractif, avec plus d'amis et lecteurs qui apportait des énergies et des intérêts renouvelés.

Pendant sept ans nous tous, lecteurs, collaborateurs et donateurs avons fraternisé dans ces rencontres. Nous formions une grande famille, qui même dispersée dans des endroits différents, maintenait un rendez-vous trimestriel.

Puis comme font toutes les familles une fois de temps en temps, quand le besoin se faisait sentir, nous nous mettions "autour de la table" pour analyser le passé et nous projeter dans le futur. Disons que c'était "le temps de réflexion"

Pessoas, après sept années et avec ce numéro 28, a compris que le temps était venu "de s'asseoir autour de la table".

Nous allons donc lui concéder le temps pour réfléchir.

Entre-temps, et du fond du coeur nous disons le plus senti MERCI (obrigado) aux fantastiques collaborateurs et donneurs, que durant ce temps ont partagé et rendre possible ce projet PESSOAS.

Ce n'est pas par hasard qu'il a toujours été une revue spéciale, aussi spéciale que vous.

Merci à tous – Bem-hajam!

Note: La porte de la salle de "Rencontres culturelles" n'a pas de clef.

PESSOA



Café Littéraire

simplemente diferente





Não nascemos somente para nós mesmos.

A PESSOAS, surgiu em Março de 2001 com um subtítulo: *Encontros culturais*. E, desde então, *Os Encontros* sucederam-se, cada vez mais dinâmicos; com temas mais variados, com roupa-gem mais atractivas, com mais amigos e leitores que traziam renovadas energias e renovados incentivos.

Durante sete anos, todos confraternizámos nestes *Encontros*: leitores, colaboradores, patrocinadores, fazendo parte de uma grande família que, mesmo dispersa por locais distantes, mantinha o encontro trimestral.

Pois, como todas as famílias fazem, de quando em vez, é preciso sentar “à volta da mesa”, analisar o passado e projectar o futuro. Digamos que é o “tempo de reflexão”.

A PESSOAS, após sete anos e com este número 28, entendeu que era tempo de se sentar “à volta da mesa”.

Vamos, então, conceder-lhe tempo para reflectir.

Entretanto, e de coração sensibilizado, deixamos o mais sentido obrigado aos fantásticos colaboradores, leitores e patrocinadores que durante este tempo partilharam e tornaram possível este projecto PESSOAS. Não é por acaso que esta foi sempre uma revista especial, tão especial como você.

Bem-hajam!

António Pinheiro

Nota: A porta da sala dos “Encontros culturais” não tem chave!

António Pinheiro

Ler a Pessoas é saber mais!

Correcção.

No número 27 da Pessoas, o artigo J'AIME PAS SARKOZY, é da autoria de Luís Alves Costa e não da Luisa Costa, como mencionado. As nossas desculpas.

A desvergonha de alguns salários

Usar um título assim “A desvergonha de alguns salários” pode parecer uma brincadeira de mau gosto. Certamente que o é, quando se trata de falar, globalmente, dos salários da maioria das empresas ligadas ao sector das tecnologias ou da banca ou dos serviços tecnológicos ou financeiros que prestam. Serviços indispensáveis, mesmo sendo caros e, por vezes, usando uma linguagem de difícil compreensão, para a maioria dos “mortais” consumidores de telecomunicações, devedores de créditos e de coisas parecidas. É exactamente o meu caso.

Trabalhar na banca, ser bancário e, sobretudo, ser banqueiro, sempre foram actividades profissionais nobres e nobremente remuneradas. Desenvolver sistemas de comunicação entre as pessoas e os povos, aperfeiçoar redes telefónicas e propor serviços de acesso à Internet, por exemplo, são actividades dignas de respeito e indispensáveis nos dias de hoje. Ou seja, na esmagadora maioria das empresas há actividades profissionais em sectores da economia moderna e das novas tecnologias, correctamente remuneradas. Mas há, igualmente, tanto nas empresas privadas como nas do sector público, postos e funções principescamente, excessivamente, escandalosamente bem pagos.

Como o leitor sabe ler tão bem como eu, veja a citação retirada, algures, da rede Internet, e que se refere a um artigo publicado na revista Visão, no decorrer do mês de Janeiro de este ano de 2008. Nesse artigo relativo aos salários de alguns grandes senhores do país, afirmava-se que “a remuneração média mensal dos 7 administradores executivos da Portugal Telecom (PT) era de 185.590 euros”. Leia bem, caro amigo: cento e oitenta e cinco mil quinhentos e noventa euros, por mês!

Na sequência de um esclarecimento da PT, parece que os 7 senhores administradores executivos da Portugal Telecom (PT) ganhariam, somente, 86.561 euros por mês e não os tais 185.590 euros. Veja, leia e repita: **86.561 euros por mês!** Para não perder tempo a fazer contas, eu calculo o resultado,

em contos: os senhores administradores ganhavam, por mês, cerca de 17.000 contos. Mas, bem visto, lido e interpretado o que diz o Relatório e Contas de 2006, os senhores administradores ganhavam mesmo na casa dos 37.000 contos por mês, somadas todas as coisas (ou coisinhas) que recebem!

Mesmo assim, e para espanto de todos aqueles que possuem uma réstia de vergonha na cara, há quem ganhe mais e melhor: os senhores administradores executivos do Banco Comercial Português (BCP), por exemplo, ainda conforme a notícia da mesma revista Visão, ganham 211.071 euros por mês. Ou seja, somadas todas as coisinhas, recebem cerca de 42.000 contos por mês!

Logo a seguir, em terceiro lugar, vêm os senhores administradores executivos da Brisa (empresa que constrói e gere parte das auto-estradas de Portugal). Estes ganham um pouco menos do que os senhores das telecomunicações nacionais e do dito banco: recebem, apenas, 27.000 continhos por mês! É um pouco menos, evidentemente, mas é uma rematada desvergonha e um despudor completo.

Perante esta cena digna de um romance desmiolado, algumas perguntas parecem surgir do interior de um bando de desempregados, empregados mal pagos e cidadãos impertinentes.

Haverá, ainda, vergonha na cara daqueles que permitem tamanha desvergonha nacional? Será possível que, num país que possui um dos mais elevados níveis europeus do custo das telecomunicações, que tem preços de portagens nas auto-estradas quase proibitivos, que se apresenta com taxas de juro, custos administrativos e de manutenção de contas bancárias tão elevados, seja permitido tamanha aleivosia? Será que quem manda, ou quem pode mandar, tem medo de assumir a legitimidade do poder e a força da equidade e da justiça sociais?

Será, ainda, legítimo perguntar, se os salários pagos aos colaboradores desses senhores administradores se aproximam dos montantes recebidos, por eles? Será demagógico questionar se existe alguém capaz de merecer um salário assim?

Elogio do tiranicídio

Em 8 de Novembro de 1939, o operário alemão Georg Elser colocou no Bürgerbräukeller, em Munique, uma bomba destinada a matar Adolph Hitler durante o seu discurso anual na capital bávara. Falhou por pouco. O ditador nazi sobreviveu, Elser foi julgado, condenado e decapitado.

A tentativa de tiranicídio nada tinha a ver com uma revolução, essa que Elser desejava mas lhe parecia demasiado distante. Por não ser uma revolução, o tiranicídio bem sucedido não teria forçosamente precipitado o nazismo num processo autofágico imediato, não teria forçosamente impedido o Holocausto nem a Segunda Guerra Mundial. Mas teria sido para o nazismo o início de um novo ciclo de crises internas, que desde a “Noite das Facas Longas” julgava já ter superado definitivamente. A História não se faz com “ses”, mas com factos: é um facto que Hitler desempenhava o papel central na liderança nazi e que o tiranicida visou, honra lhe seja feita, o coração do sistema.

Em Portugal, o historiador Rui Ramos colabora numa revista que dedicou um número recente a comparar o “Che” Guevara com Hitler, sob o título revelador “Heil Che!”. O assassinio de Guevara, capturado, manietado e ferido, por ordens directas da CIA, seria assim, em boa lógica, equivalente ao tiranicídio intentado por Elser. O mesmo Rui Ramos preparou pontualmente para o centenário da morte do rei Carlos I e do príncipe herdeiro Luís Filipe um livro dedicado ao atentado, tentando explicar como esse atentado veio cortar cerce as veleidades modernizadoras e moralizadoras do rei. Na vozearia de corifeus que se orquestrou por ocasião do centenário, não faltaram os admiradores do génio científico e do talento artístico que o rei, como Nero, atribuía a si próprio e cortesãos pressurosos lhe confirmavam sem pudor. Marcelo Rebelo de Sousa tentou cavalgar esta onda de monarquismo seródio, dando como é seu hábito uma no cravo e outra na ferradura. A mais notável, foi a afirmação de que Carlos I era um rei consti-

tucional e “apenas” reinou em ditadura durante uma pequena parte do seu reinado.

Ora, as ditaduras começam de pequeninas, crescem, desenvolvem-se e podem durar 48 anos ou mais. Se o tirano é abatido pouco depois de tomar o poder, cortou-se o mal pela raiz. A ditadura ainda agora começou e o ditador já ali jaz, varado pelas balas da Carbonária? Tanto melhor. O homem que foi abatido, no momento de ser aba-



tido, não era um rei constitucional e sim o fundador duma ditadura.

Em 1 de Fevereiro de 1908, os pergaminhos constitucionais da sua linhagem já faziam parte do passado. Ao entregar o poder a João Franco, por cima do parlamento e dos partidos, Carlos I tinha reatado com a tradição da Vilafrancada, quando Carlota Joaquina era o único homem da corte e se dispunha a afogar em sangue as veleidades democráticas do povo. Esse reatamento explica o entusiasmo pelo “constitucional” Carlos I por parte dos actuais rebentos da mais caceteira linhagem miguelista, com Duarte Pio à cabeça. Não foi que eles mudassem: a monarquia portuguesa, que fugiu para o Brasil, quis-se absolutista no regresso e, depois dum breve interregno comprado à custa da guerra civil, voltou ao redil do absolutismo e nesse redil teve de morrer, como mandava a sua natureza mais profunda.

Elogio do tiranicídio



Diz tudo sobre a podridão do regime que temos, o facto de a onda anti-republicana encontrar ecos simpatizantes e compreensivos no próprio presidente da República, que veio a terriro prestar pública homenagem a Carlos I e condenar o regicídio. Diz tudo sobre essa podridão, que a direita intime o parlamento republicano a professar o seu repúdio pela morte do aprendiz de tirano e não caia em cima da intimação um vendaval de gargalhadas. Diz tudo, que monárquicos ressabiados já tenham o desplante de recusar guarida no Panteão Nacional ao grande Aquilino Ribeiro, por

ter participado na conspiração regicida (Aquilino teria agradecido: os reaccionários e fascistas que continuassem a ficar uns com os outros no Panteão).

Na verdade, a boa companhia para a memória de Aquilino é a dos tiranicidas Costa e Buiça, dois mártires da República e parteiros do 5 de Outubro de 1910. Como Elser, eles apontaram ao coração da ditadura. Ao contrário de Elser, foram bem sucedidos. Ao contrário de Elser, não tiveram direito a julgamento: depois de assassinar o aprendiz de tirano, foram capturados e assassinados pela polícia à vista de toda a gente. Como o “Che” foram vítimas de uma execução extra-judicial, que testemunhava a fragilidade dum regime monárquico agonizante.



António Louçã - em Genebra



O Escritor e Historiador António Louçã, juntamente com a escritora Isabelle Paccoud lançaram, recentemente, “O Segredo da rua d’O Século” que tem vindo a suscitar grande polémica entre a comunidade judaica, em Portugal

Por uma única vez, o regime nazi colocou entre parêntesis a sua obsessiva agitação anti-semita e condecorou um dirigente judeu. As perguntas impõem-se: o que podia levar o regime nazi a abrir uma tal excepção na sua política? O que precisava de fazer um dirigente judeu para se tornar persona grata aos olhos dum regime com tal vocação genocida?

Esta condecoração extraordinária foi enviada para Portugal. O agraciado era Moses Bensabat Amzalak, presidente da Comunidade Israelita de Lisboa durante 52 anos. Para responder às interrogações mais óbvias, este livro debruça-se sobre a pessoa de Amzalak

– homem de negócios importante, economista reputado, membro da direcção do jornal O Século e amigo pessoal de Salazar. Para procurar indícios, documentos e materiais disponíveis, e para entender esta face oculta da biografia de Amzalak, a autora e o autor consultaram os arquivos mais diversos, de Berlim a Jerusalém, de Londres a Berna, e analisaram sistematicamente os editoriais e manchetes de O Século.

O resultado da investigação lança uma nova luz sobre as tendências germanófilas no Portugal salazarista dos anos 30 e, ao mesmo tempo, sobre o cinismo do regime nazi na sua política de cortejar até destinatários do seu ódio mais figadal.

António Louçã estará em Genebra dia 18 de Fevereiro (20H30) no Café Literário Pessoa, para apresentar a sua obra e trocar impressões com os presentes.



Banco Espírito Santo – Nova Gerência



Habituaamo-nos a relacionar o Banco Espírito Santo, em Lausanne, à imagem simpatiquíssima e desprestensiva do Sr. António Soares que gerindo a Instituição durante 14 anos a tornou mais conhecida e apreciada na comunidade portuguesa.

Porém, sem abandonar totalmente as suas funções uma vez que continuará como

conselheiro ligado aos assuntos da emigração, vai a Representação do Banco Espírito Santo ser assumida pelo Sr. Dr. João Leonel Pinto Ramos, 39 anos de idade, natural do Barreiro.

Licenciado em Gestão Bancária e Economia pela Universidade de Rhode Island dos Estados Unidos, trabalhou desde 1998 na Área Internacional do Banco Espírito Santo nas cidades de Newark, USA e Montreal e Toronto no Canadá. Este novo Gestor aponta, além de outros, os seguintes objectivos a atingir na sua gerência: *reestruturar a operação sobre o ponto de vista da cobertura geográfica; criação e inovação de produtos financeiros específicos para os não residentes em Portugal; criação de uma plataforma de integração dos luso-descendentes na área financeira, com cursos no Banco Espírito Santo e respectivas Bolsas de estudo, em Portugal e Suíça; criação de um network de empresas e empresários portugueses em diversas áreas ligadas à diáspora portuguesa.*

Só nos resta desejar plenos êxitos ao Sr. Dr. Leonel Pinto Ramos, para que o Banco Espírito Santo, continue, na nossa comunidade, a ser uma Instituição a ter em conta.

Estrelas de Portugal – Associação sempre activa

Na rua *des Vieux – Grenadiers*, em Genève, o dinamismo continua.

Sextas – feiras, à noite, dezenas de jovens e adultos, amantes do folclore, dançam e contradançam tentando a perfeita sincronia com a música do seu grupo privativo que no palco da associação, toca sem revelar sinais de cansaço. A vozes e as palmas dos “ensaiadores” Paulo Fiães e Luís Fiães ecoam, de quando em vez, chamando ao ritmo um elemento mais descoordenado.

Familiares e amigos assistem aos ensaios, na parte reservada para se beber um bom café, umas águas, uns sumos e muitas vezes saborear petiscos que as mãos prendadas dos responsáveis pela cozinha Srs. Carlos Menino e António Baptista confeccionam.

Crianças e adolescentes brincam e convivem numa alegria contagiante. Está-se bem naquele ambiente familiar.

Mas não é só às sextas-feiras que há ensaios; sábados, de manhã, é a música moderna que domina o ambiente. O ritmo muda, é o Grupo de Dança Moderna – Ilusões - que prepara mais uma actuação de coreografias harmoniosas.

Esta associação, presidida mais de 11 anos pelo Sr. Justiniano Rocha.

O homem do leme que a impulsionou e a levou a ser uma das lídimas representantes do folclore e das tradições na comunidade portuguesa, tem nova Direcção, encabeçada pelo Sr. Adérito Marques que, coadjuvado pelos outros membros, dará continuidade ao Estrelas de Portugal de Genebra.

Ser “Estrelas” requer, na verdade, muita disponibilidade, abnegação e trabalho. Para a nova Direc-





ção, que se apresentou à comunidade dia 26 de Janeiro, vão os votos de feliz continuidade e muitos, muitos momentos de “estrelas”.

Portugal – Foi o mote para a festa no Beau-Rivage

Vítor da Cunha, a amabilidade e simpatia em pessoa, veste com orgulho a “camisola” dos empregados de hotelaria cinco estrelas.

Traz mais realização profissional conviver com os



estratos sociais que frequentam estes hotéis?

- Não vejo a realização profissional por esse prisma mas sim como um caminho que se vai percorrendo e dia - a -

dia, tentando adquirir cada vez mais experiência. Depois é pô-la em prática, é como subir degraus, é um desafio. É o contacto com pessoas de outras culturas, outras línguas vai-nos enriquecendo, todos os dias.

Vive na Suíça há 17 anos e sempre trabalhou em hotelaria, acrescente-se, porém, que hoje tem acrescidas responsabilidades uma vez que o seu trabalho o põe em contacto com mais pessoas – Neste momento a minha responsabilidade é na área dos recursos humanos – confirma-nos.

O Hotel Beau - Rivage, que vulgarmente é identificado como o hotel da Sissi, tem um património riquíssimo... “O hotel é um “templo” a visitar, desde 1865 que está na mesma família e actualmente, a matriarca desta geração já tem a bela idade de 93 anos. Na verdade a imperatriz da Áustria elegia-o como residência nas estadias em Genebra. A suite que ocupava, além de ainda guardar o seu nome, continua decorada e mobilada como na época e guarda alguns dos seus pertences. Como todos sabemos foi assassinada, durante o seu passeio à beira lago, perto da entrada do hotel. No Local ergue-se uma escultura em bronze para recordá-la. Ainda há pouco se realizou aqui um baile e todos os trajes remontavam à época da

Corte Imperial da malograda Sissi. Foi uma forma de a recordar, também.

Existe um ambiente de família entre os administradores e o pessoal trabalhador?

- A nossa filosofia é a seguinte: cada um tem o seu cargo e tem responsabilidades nestas ou naquelas tarefas, tudo o resto é acessível de igual modo, quer sejam patrões, empregados ou dirigentes. As possibilidades são oferecidas a todos.

Como acontece lembrar Portugal, nos costumes, na história e na gastronomia, entre o pessoal do Beau-Rivage?

- Esta ideia surgiu do Grupo de Trabalho chamado Atelier, formado em 2004, do qual faço parte. Somos cinco pessoas; é um grupo pequeno mas tem muitas e boas ideias (risos) e consegue pô-las em prática. Há actividades programadas ao longo do ano. Todos



os meses existe uma, por exemplo em Maio é o piquenique, em Setembro o campeonato de futebol com outros hotéis, em Outubro a excursão a pontos de referência turística... sem esquecer que o aniversário de cada um dos empregados que é sempre festejado.

Tudo isto com o objectivo de esbater fronteiras entre o pessoal destas grandes unidades hoteleiras. Se assim não fosse haveria, por exemplo, pessoal que trabalha nos quartos que nunca conheceria o que trabalha na cozinha, na jardinagem, na decoração e vice-versa. Cremos nós que, às vezes, a nacionalidade de cada um



M. Rivera (Director do BR) Sónia Matos, Carlos Menino, Rosa Maia e Vítor da Cunha (Director dos Recursos Humanos)



Hall do Beau-Rivage

também pode ser um obstáculo às relações entre as pessoas... nessa perspectiva, tendo em conta a pluralidade de nacionalidades que existente, tem todo o sentido organizar estas actividades. Temos 20 nacionalidades diferentes no pessoal, sendo que 80% são franceses, 5% são portugueses e os restantes distribuídos pelas outras. Ainda bem que existe o grupo dinamizador que afirma: “as festas e actividades fazem-se para os que participam, não para os ausentes”.

Para esta festa em que Portugal foi, diga-se “o convidado de honra”, procuraram apoios e documentaram -se bem, pelo que vimos...

- *Recorremos a associações portuguesas que nos cederam trajes, objectos decorativos, peças de artesanato e material sobre a cultura e a história do nosso país. Veio até o sr. Carlos Menino preparar os pratos típicos portugueses.*

- Com certeza que não faltou o bacalhau?

- (Risos) *Não, não faltou o bacalhau, nem os bolinhos de bacalhau, nem a doçaria... e então os pastéis – de nata foram apreciadíssimos!*

Ao Grupo *Atelier* deixamos os parabéns por esta iniciativa e um obrigado ao sr. Vítor da Cunha por nos dar a conhecer melhor “a casa pela qual veste a camisola” – Hotel Beau – Rivage.

Le Timor Oriental face à la Seconde Guerre Mondiale (1941 – 1945)

Uma obra a não perder da autoria do historiador Flávio Borda D’Água foi apresentado dia 15 de Janeiro na Cozinha Conventual do Palácio da Necessidades, em Lisboa.

O Dr. Armando Marques Guedes, presidente do Instituto Diplomático dos Negócios Estrangeiros, fez a apresentação da obra deste jovem escritor.

Proximamente, em Genebra – 13 de Fevereiro de 2008 – o Institut et Musée Voltaire e o Consulado Geral de Portugal organizam uma mesa-redonda sobre Timor Oriental, tendo por base o livro de Flávio Borda D’Água.

A animar o debate estarão o Encarregado dos Negócios Estrangeiros da República Democrática de Timor Leste, em Genebra, Sr. Alain Dick; o autor de “*Le Timor Oriental face à la Seconde Guerre Mondiale*” e outros especialistas em questões de Timor Leste.

Após a conferência, será servido um Porto-de-honra oferecido pelo Consulado Geral de Portugal. O lançamento oficial, desta obra, na Suíça, está agendada para dia 20 de Fevereiro na Embaixada de Portugal, em Berna

Mataram o Rei! – O Regicídio na Imprensa Internacional

Hoje, que Portugal tenta fazer as “pazes com a História” do período crítico que desencadeou o regicídio eis que nos surge uma magnífica obra de Joaquim Vieira e Reto Monico – *Mataram o Rei – O regicídio na imprensa internacional*.

Foi deveras profunda a investigação que os autores fizeram para nos apresentarem todos os factos documentados e, para gáudio do leitor, uma espantosa colecção de fotografias de catazes, pinturas, jornais e documentos da época. Rui Ramos, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade d Lisboa, prefacia a obra e lembra que: “*Muitos dos que têm escrito sobre o regicídio preferiram ocupar-se do lado kitsch da história – como as sociedades secretas – e negligenciaram aquilo que poderia e deveria ser estudado: o contexto político dos anos 1906 – 1908. Aqui, os jornalistas antologados neste volume têm lições a dar. Porque compreenderam de imediato que o atentado de Lisboa não fora um simples acto de “terrorismo” de sociedades secretas “anarquistas”. Não passa despercebida esta fascinante obra antológica da imprensa internacional que graças ao persistente e exaustivo trabalho de pesquisa dos autores podemos verificar como “Este livro surge precisamente da necessidade sentida de reavaliar a projecção do regicídio como acontecimento do século XX português”.*





História do Cinema II

A história do cinema não se esgota em dois artigos. Desde que nasceu e “foi há dias”, no nosso tempo,



é já um acontecimento que desafia o mundo do saber humano, desde a arte e tecnologia à literatura e aos esconderijos da psicanálise.

No artigo anterior e a propósito do centenário do nascimento de John Wayne, ocupei-me do filme de “Western”, onde o referido actor foi estrela de primeira grandeza. Hoje abordo a temática do social e do cinema sem alma.

Cinema social – O Filme Social é um cinema de crítica. Por esse motivo luta sempre com muitas dificuldades económicas. Três potências encabeçam o cinema social, cada uma na óptica duma análise cultural subjectiva: a União Soviética, a América do Norte e a Europa. O móbil nas três potências é comum: o homem e a sociedade onde ele se insere.

A União Soviética, na fase gloriosa, coloca o cinema ao serviço do homem concreto, ainda que apresentado como um ser colectivo; o homem exemplar que usa a sociedade em seu proveito. Na fase decadente, depois de 1950, renasce o Homem-

Cinema social -

Herói, despersonalizado e burocrata. Nesta fase, a prosperidade pessoal dá lugar à cega obediência dos mecanismos do Estado.

Nos Estados Unidos a estrutura do cinema social é a mesma dos filmes do Oeste. O Cow-boy resolve e tonifica a sociedade onde vive, apostando na virtualidade pessoal e não no manancial da colectividade. Mas a América desliza também para uma decadência progressiva. Enquanto na Rússia a temática social se converte em acção política, com o endeusamento do herói estalinista, na América do Norte a transferência faz-se à ilharga da revelião estudantil. Depressa o fenómeno americano se identifica com o consumismo, esvaziando-se dos valores morais. A opulência dá lugar à droga e à violência.

A Europa, desfeita duma Guerra Mundial, acorda para o cinema social com a preocupação de encontrar soluções que os dois continentes não conseguiram. No empenho europeu para a reconstrução do após-guerra, nasce uma corrente de pensamento que tenta organizar os problemas do homem e da sociedade “com Amor”: o Neo-Realismo.

Na filosofia Neo-Realista não há uma sociedade de todo a modificar, com heróis fantásticos, empenhados nas soluções dos problemas humanos. Nasce, isso sim, uma consciência colectiva responsável por uma história mais solidária e fraterna. Há pobres, sofrimento e fome e, sobretudo, um sentimento de culpa colectivo por esses males que exigem soluções. Assim se impôs ao mundo a Europa com nomes talentosos: Rossellini, Visconti, Fellini, Antonioni. Homens que dão ao cinema um tratamento cheio de ternura, fazendo passar uma luz de esperança num tempo estúpido, vazio, que procura qualquer coisa que não encontra a não ser a droga, o sexo, a morbidez e o ocultismo.

cinema sem alma

Cinema sem Alma – É difícil – como tudo na vida – aguentar um equilíbrio duradouro. A seguir ao ciclo das causas e do amor por elas, nasce aquilo a que alguns analistas prosaicamente chamam o ciclo da Merda, que Pasolini tenta retratar.

O cinema sem alma tem por objectivo explorar o sexo com a finalidade de sacar dinheiro. É um roubo de uma coisa sagrada. Este assunto que envolve sexo levar-nos-ia longe na análise e na distinção categorial que o tema implica.

Numa escala descendente e à medida que o amor enfraquece e o sexo se degrada, passamos da zona do Belo – o amor espiritual – à zona do erótico – o amor dos sentidos e, finalmente, ao Pornográfico – a ausência do amor.

Quando um servivo começa o seu crescimento, o processo, lento mas inexorável, avança para a consumação, um caminho onde todas as energias dão as mãos: o amor nas suas diversas hierarquias, as emoções e afectos, o impulso sexual, as carícias. Tudo ordenado, sem fragmentação nem passibilidade de dividir a carne do espírito.

O cinema sem alma ataca este edifício, já tão abalado noutras componentes.

Em séculos passados, o Racionalismo destruiu a razão porque lhe concedeu o pedestal indevido do endeusamento. Com o Positivismo materialista foi



a vez da fé perder o seu vigor. Agora, a pornografia é o último atentado à psique humana com a comercialização do sexo. O eros, sem pudor nem segredos, passa a ser mercadoria e o prazer já não é virtude nem pecado. A sexualidade deixa de ser mistério e dever para se tornar “suporte de cabaret”.

É bom tê-lo connosco.



Cartomantes, bruxas, astrólogos e magos, que sabe



dia 1 de Janeiro é o Dia Mundial da Paz. Todos os anos governantes e responsáveis políticos proferem longas preleções sobre a Paz – essa forma bendita de entendimento entre as Nações – e apelos a que os Governos dos países em guerra procurem encontrar entendimentos para que a Paz, que ideologicamente é o sonho de todos, possa ser realidade num mundo perturbado pela dor e pela desgraça em que a guerra parece estar muito mais próxima do que se apresenta nas ocorrências do nosso dia-a-dia; a começar pelo confronto permanente das ideias e das ideologias, repercutidas nos locais de trabalho, onde falta tantas vezes o verdadeiro sentido da camaradagem e do intercâmbio saudável de ideias e saberes, revelando-se na competitividade desenfreada em todos os sectores da vida pública e privada, no seio da Igreja e dos que deveriam ser, e muitas vezes não são, os grandes mentores da paz autêntica e convincente.

O certo, porém, é que a ambição máxima do ser humano é ser feliz. E se é verdade que essa luta pela felicidade começa todos os dias dentro de cada um de nós, ao acordar, não é menos verdade que toda a nossa vida é uma corrida desenfreada contra aquilo que nos perturba, entristece e nos dá amargos de boca e uma procura constante de razões para enfrentar um novo dia, muitas vezes de trabalho intenso e de sofrimento físico e psíquico.

Esta reflexão que hoje trago à consideração dos nossos leitores é quase uma confissão. Sempre achei que uma confissão sincera poderia ajudar muitas pessoas que, como eu, tenham tido ou estejam ainda a ter, dificuldades em gerir os seus conflitos com a vida e com os problemas do dia – a – dia, de forma harmoniosa. A minha pacificação com estas questões teve muito a ver com acontecimentos de que já falei nesta coluna e que passaram pelo consultório de diversos psiquiatras, pela ingestão de umas boas centenas de sedativos e, finalmente, e mais recentemente pela amizade com um psicólogo incrível que, como eu, fez da vida uma aventura.

Neste caso a aventura de fazer os outros felizes, não ensinando nada senão aquilo que já sabemos, não aconselhando ninguém mas oferecendo caminhos conducentes ao sucesso pessoal e íntimo. Agora que me sinto quase em paz comigo e com a vida, apetece-me falar-vos de um tempo, nem por isso tão distante, em que não foi assim. Se este apontamento de sinceridade desinteressada, mas pura, ajudar alguém a dar novos rumos a vidas aparentemente destroçadas, não terei perdido totalmente o meu tempo.

Sempre fui muito curiosa das coisas difíceis de explicar. Lembro-me de ainda menina, mas já crescida, ter visto uma boneca que chorava mas que não me pertencia e ter desejado, a todo o custo, explicar aquele choro. O gesto de destruição do corpo da mona foi um gesto que me deixou frustradíssima. Bem se poderia saber o segredo sem recorrer a procedimentos tão impiedosos, pensava eu. Mas a decepção completa e total foi quando cheguei à conclusão de que aquele vagido que parecia quase real era obra de uma pilha vulgar e de uma gravação numa cassette comum embora em ponto pequeno. Para ser franca, fiquei decepcionada: sempre pensei que fosse outra coisa. Não sei exactamente o que esperava que saísse dali, mas sempre contei com algo de diferente, de inédito... O facto de ver ali, à mercê dos caprichos de menina curiosa, destruída e desventrada a boneca que não tinha outra força anímica que não fosse a pilha *Duracelli*, chorei sobre aqueles destroços. Na altura ainda não sabia que a vida se encarregaria de me dar novas e mais profundas desavenças entre “o que é” e o que “gostaria que fosse”.



esta gente da minha vida?

(...) A primeira incursão no mundo das minhas descobertas fi-la numa “cartomante” considerada “craque” do sítio. Quando lá entrei ia a tremer de medo mas a curiosidade bateu a pontos os meus receios. O quarto, na penumbra, tinha velas acesas, cheiro a cera e incenso, fotografias de santos, crucifixos de madeira com Cristos inexpressivos, gatos siameses enrolados e macambúzios num ambiente de silêncio e cheiro a gente desesperada. Numa sala de espera repleta de cadeiras, como nos velórios, algumas senhoras de bom aspecto esperavam, como eu, a solução milagrosa dos problemas existenciais. A mulher das soluções milagrosas, magra e pálida, de olhar arguto, pegou no baralho de cartas, baralhou-as com ar severo e habilidade de prestidigitador. Finalmente mandou-me partir o baralho em três montinhos que deviam vir dela para mim. Voltou a juntá-las e aí vai de ler o meu destino com frases soltas a que a necessidade de cada um, ou o seu desespero, propiciam as mais diversas leituras: uma viagem para breve; um homem moreno e musculado com vida de cão vadio apaixonado por outra; uma prenda no colo; um encontro inconsequente com um desconhecido; muitas invejas por causa da minha beleza; mau olhado e... o raio que a parta, mas com uns pozinhos prlímpimpim, tudo iria ao sítio.

No final cada um dá o que quer porque não se pagam ajudas de Deus com preço fixo. Não se passam recibos verdes a mulheres desesperadas nem o desespero desconta para o IRS, mas vive-se a alegria momentânea de imaginar o homem musculoso a cair-nos nos braços e a viagem que aí vem sejam mais de dez dias...

Assim se acaba a ida à cartomante. Devo dizer que apesar de tudo repeti a ida várias vezes. Sou de compreensão lenta e quando comecei a ver falhas nos homens musculados é que me convenci de que talvez tudo não passasse de uma treta.

Mas passei por outros locais mais ou menos óbvios como pelas leituras do Livro de S. Cipriano, o Livro



do Santo Cristo, o bruxo que vê no fundo dos olhos, etc. etc. Relação mais séria e ainda hoje marcante foi com o espiritismo. Aí a coisa fia mais fino e é séria ou, pelo menos, perturbante. O mesmo me aconteceu com a magia negra, que considero uma coisa dramática e o problema é que tem adesões a montantes alucinantes, mas o preço emocional da chantagem que é feita à volta dos problemas pessoais é de gravidade muito particular.

De perturbação em perturbação passei a coisas mais técnicas, como astrologia, onde aprendi tudo sobre os signos do zodíaco e suas variantes.

Enfim, não tenho vergonha de nada que fiz. Tenho talvez pena de ter caído nalgumas situações que um bom conselho podia ter evitado, mas também reconheço que, por vetes, só conhecendo o cheiro do curativo é que se percebe que se foi ao hospital e isso é bom. De resto não daria nenhum conselho, nesta área, mesmo que mo pedissem, porque vi muitas coisas, ouvi outras tantas e não tenho conclusões óbvias para quase nada. Sou corajosa para muitas coisas mas muito tímida para outras e julgo que por questões do foro íntimo são muito pessoais e nem a melhor das amigas tem o direito de interferir.

Muitos são capazes de reconhecer as diferenças entre o que parece melhor e pior e até de mudar e de procurar algo diferente com que se identifiquem de forma mais absoluta; outros ficam onde começaram: são estádios da vida, todos eles respeitáveis e que devem merecer o nosso silêncio afectuoso.

Como dizia Emerson: “Cada homem que encontro é-me superior nalguma coisa e, nesse sentido, aprendo com ele”. A nível de questões que têm a ver com a crença, com a espiritualidade ou com a fé, por mais elementares e grotescos que nos pareçam os métodos que cada um utiliza para lá chegar, julgo que devemos ter a serenidade de não criticar.

Em resumo: aprendi com a vida muitas coisas. Acabo por concluir, agora, que a força que procurei desesperada por tanto lado, está dentro de mim...

Comunicação – Dissertação

Se unificarmos, no sentido de entendimento, a significação dos termos comunicação e palavra, verifica-se, sem complicação extrema, que à comunicação atribuem-se-lhe geralmente, os meios para o estabelecimento de parâmetros relativos à compreensão; ou seja, a utilização de aparelhos sonoros de visualização, de palpação ou, ainda, locomotores. Nada nos diz, portanto, que comunicar constitui somente, no sentido lato, o emprego de meios técnico.

Por princípio ou hábitos adquiridos, a expressão indica já a capacidade de difundir o entendimento; no entanto, ao considerarmos o valor intrínseco do termo *palavra*, veremos sem reais problemas de compreensão que o seu emprego traduz melhor o modo de fazer-se entender ou de ser entendido.

Certamente, sem deslizes de menos entendimento, alguns se exprimem, dissertam, *palavram* (mesmo que os dicionários não atestem, de momento, o verbo *palavrar* – palestram, seria correcto), discorrem, discursam, recitam, etc., utilizam, quase sempre, na forma escrita o termo “útil designação de palavra”, como modo de entendimento. Ao aquilatarmos, pois, o interesse em deslindar a mais adequada qualificação a dar, parece-me que o principal, se não o único e verdadeiro meio e modo de expressão é a *palavra*.



Não olvidaremos, com certeza a multiplicidade de formas que a palavra pode tomar; as mais divulgadas e sobretudo indispensáveis são a fala (fonética) e a escrita (ortografia).

Esta última tem um carácter de maior importância pois que a todas as actividades humanas de natureza contratual se exige juridicamente a formulação da escrita.

Efectivamente nas sociedades do nosso tempo, organizadas e regulamentadas, o surgimento de um mau entendimento, só pode ser arbitrado quando existe a forma contratual escrita.

Sem querer ser exaustivo, é constante no relacionamento humano outras formas de entendimento: o gesto, a visão e mesmo o conceito virtual, agora tanto em moda. Diversos símbolos de entendimento, precursores da escrita actual, foram mostra do desejo no transmitir o conhe-

O seu site. A nossa imagem. Os mesmos objectivos.

- Alojamento Web desde 1.95€
- Domínios a partir de 7.90€
- Construímos sites profissionais

WEBHOSTPT.com
MAIS SOLUÇÕES PARA SI

www.webhostpt.com

sobre as expressões da *palavra*

cimento; a título de exemplo: hieróglifos e caracteres cuneiformes.

No decurso do tempo, outros modelos convenionados de escrita foram aumentando os recursos de entendimento; aponte-se o *morse* escrito ou viso-gestual quando, neste caso, se faz uso de flâmulas ou esquemas com os braços visíveis a determinada distância a exemplo do que faziam as populações indígenas da América, com o fumo; primitiva maneira de comunicação, muitíssimo antes da invenção do *morse*.

A palavra pictografia e pictograma (1924 – étimo pictórico), escrita figurativa abreviada, faz-nos recuar ao primitivo homem das cavernas. Os desenhos e pinturas rupestres tiveram como autores personagens que, provavelmente, estavam ainda no período inicial da aprendizagem da fala; supomos, no balbuciamiento da expressão oral, como forma de entendimento. Essas pinturas figurativas, ditas rupestres, demonstram características formativas na vontade do saber e, certamente, o desejo de preservar o conhecimento adquirido tendo ainda, acessoriamente, o ensejo de transmitir a informação.

Curiosamente, muitos milhares de anos depois e após um processo de desenvolvimento incensurável na destreza da oralidade à compreensão pela palavra, acrescentou-se o sistema do figurativo abreviado. Este último processo evolutivo desenvolveu-se, alargando a compreensão aos menos providos de saber.

Cito somente, como exemplo, a sinalização usada na circulação viária e seus adjacentes: passarelas, paragens de transportes públicos... A juntar também toda a sinalética com formas circulares, quadrangulares, triangulares e suas colorizações. A sua leitura não deixa qualquer possibilidade à má interpretação ou ao desentendimento.

Esse relativo modernismo, facilitou imenso e deixou muda a dialéctica e a tergiversação.

A completar esse quadro de facilidades, temos ainda a logografia estilizada, já comum na administração pública, na indústria e comércio e comumente chamados Logos.

Não poderia terminar sem aludir a uma escrita do nosso tempo, da maior importância, o *braille*, de invenção recente (1927); sistema de pontos em alto-relevo em relação à superfície onde se inscrevem: metal, papel, couro ou qualquer outro material e perceptíveis através do tacto. Este alfabeto é destinado aos deficientes visuais, permitindo-lhes assim ler através desse sinais convencionais que também se aplicam aos números, música e estenografia.

É interessante verificar que a sinalética rodoviária existente, seja qual for a especificidade linguística do país, é sempre compreendida por todos, ultrapassando, de certo modo, a barreira da “*palavra*”.

Visto assim, nada é novo, confirmamos, porém que a palavra, apesar de dos seus contrastes de expressão, é fundamental para o entendimento universal dos homens, mau grado o minguado aproveitamento que dela fazem inúmeras instâncias internacionais.

Em guisa de conclusão, atrevo-me, pois, a dizer: *a ignorância por preguiça, engendra estupidez e não granjeia fruto.*



D. João de Castro,

Marujo do mergulhar e de mastro
Obras suas são seguros caminhos
Em casa de treva farão de astro
Aos nautas do porto de Matosinhos.

Nos Roteiros e Tratado da Esfera,
Sem entrave, o mar far-se-á estrada,
Em dispersa ilha se rasga a Terra,
A fonte do rio Nilo encontrada.

Pugna pela razão e entendimento,
Em nau como a ilha de S. Lourenço,
Terra ou ilha podiam ter movimento.

Servo leal de destino funesto.
Para lágrima final não há lenço.
Aconteceu com vice-rei honesto!

Continuador da obra de *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco Pereira, livro nascido de visão e experiências acumuladas e passadas em retrospectiva a pedido de el-rei D. Manuel I, D. João de Castro (1500 – 1548),



quando na década de trinta deixou Lisboa a caminho da Índia, como capitão de uma das naus da armada, a Grifo, entregou-se, a horas de

repouso, a projecto marítimo não encomendado mas assumidamente tido como necessidade urgente de que deveriam beneficiar os pilotos implicados directamente na rota do Oriente. Desse trabalho, à luz da vela, ressaltam pormenores da vida a bordo, uma ou outra vilania, mas também actos de excepção. A viagem feita com segurança era uma necessidade imperiosa. Os desprevenidos pagavam com naus e com a vida a imprevidência. O sucesso do piloto não está no braço mas na mente. Saber escutar, saber inquirir, saber ser humilde, saber ser firme, saber aprender a navegar, já que o navegar e o ir mais além repousa numa estreita relação entre o barco e o navegador; na confiança recíproca orientada pela bússola da precaução, do entendimento. A construção naval tornara-se numa indústria que exigia homens, canhões, cérebros, capitais a não desbaratar.

Das notas recolhidas diariamente dá-nos notícia detalhada não faltando troços de costa esplêndidos e magistralmente iluminados. Munido de pena e tinta, gostava de passar dias, meses, a observar o céu, a perscrutar os fundos marinhos com sonda ou mergulhando ele próprio, os ventos do alto do mastro, as correntes com espécie de bóias feitas de molhes de feno, a contemplar a paisagem das costas e a agarrar estes momentos que tanto o tocaram. Será esta admirável soma de conhecimentos pessoais que ele nos convida a partilhar, se estivermos na disposição de descermos ao convés da sua obra: *Roteiros de Lisboa a Goa* – 1538; *Roteiro de Goa a Diu* – 1539; *Roteiro de Goa ao Suez ou do Mar Vermelho* 1540 – 1541 e o *Tratado da Esfera* – 1545.

O conjunto da obra revela o esplendor do património de uma faceta particular do *Renascimento*. O redescobrir, o reinventar de uma rota que já na Antiguidade, tinha deixado traços; era uma questão de honra ressuscitar. E foi apostando nela que reis e príncipes da dinastia de

vice-rei crisóstomo

Avis puderam prosseguir, durante décadas, em expedições sucessivamente apoiadas nas precedentes, um rumo vago mas que existia em sede própria da literatura e tradição antigas. Depois de lida, confessamos sentir um vazio que só será colmatado quando um dia pagarmos no leme de veleiro numa mão e na outra a obra e partirmos por esses mares e costas em busca dos locais identificados e descritos. Sem dúvida, a sua obra, verdadeiro tesouro e património da humanidade: número considerável de questões – origens de rios, posição de ilhas, direcção de correntes, a existência de antípodas, ilustrações iconográficas da costa ou de fundos marinhos, barras, entradas de portos, portos, identificação de locais e personagens legendárias ou bíblicas, etc. – cujas respostas, através dos séculos, não tinham tido consenso, é clarificada, definitivamente, numa nova concepção do *Orbe*.

No primeiro roteiro, etapa por etapa – Lisboa às Canárias, Canárias a Cabo Verde, costas do Brasil, ao largo, Cabo das Agulhas, parte mais austral do continente africano, ilha de Moçambique, Goa, encontramos o tipo de homem que conquista e doma os Oceanos. No *Roteiro do Mar Roxo* entregou-se a uma reconstituição das tábuas de Ptolomeu. Faz um recenseamento dos lugares antigos e ainda a recuperação dos nomes através das épocas e dos séculos. Assim guiados, estamos em condições de conhecer o Castro íntimo, luminoso, o Castro em acção, no epicentro de uma época rica em cor e acontecimentos capitais, criadora do *Humanismo*, regenerado no cadinho da aventura e embriaguez da expansão planetária. A sua obra faz o ponto da situação de algumas décadas de progressos prodigiosos em matemática, astronomia, navegação, cartografia e outros domínios. O nauta rompeu, já, um isolamento, um bloqueamento milenar. De rigor e perfeição inexcusáveis, sentiu que o alcance dos seus livros incomodaria uns tantos



homens, roídos pela inveja. O *Roteiro de Lisboa a Goa*, à altura das Canárias, revela a existência de um *iceberg*, onde o incauto pode colidir. O mar é o espelho e o laboratório de algumas contradições entre o que está escrito e o que o instrumento pode medir e fixar. Ao alertar para o sistema vicioso no qual o nauta/escritor pode cair se quiser abordar questões que saiam fora do senso comum, a querela entre homens de ciência aflora. Verdades reescritas, tidas como tal e largamente aceites ao longo dos séculos, voltam, ao ser lidas, relidas, comentadas, questionadas, reformuladas acentuando o carácter do *Renascimento*. O fermento da persistência levedando no mar e catalizador de energia mostra-nos o homem de carne, osso e sangue no seio das suas preocupações concretas, procurando a luz e a âncora na verdade e na razão. Ora os profissionais da cultura fechados em conventos não verificavam, não reuniam provas, não procuravam compreender, mas sim controlar. A Igreja detinha o poder intelectual e não desejava ver entrar nos novos padrões dos descobrimentos as novidades vindas nas caravelas, que podiam por em perigo a unidade da fé e do Reino do saber aristotélico. Como advertiu os leitores, *Os Roteiros* tinham uma linguagem pouco prosaica e eram guias para ser vistos e admirados, não por homens da corte, dos conventos ou da Universidade, mas sim pelos marinheiros do porto de Matosinhos.

Continham informações essenciais: dezenas e lugares importantes descritos beneficiavam de uma breve ou detalhada descrição do meio natu-

D. João de Castro, vice-rei crisóstomo

ral, alguns dados demográficos e históricos, imagens que permitiam visualizar os factos descritos, coordenadas geográficas que seriam assim facilmente identificadas pelos instrumentos de navegação. As reproduções de pinturas, ou seja, as imagens permitem-nos assistir ao nascimento da arte visual ao serviço da arte de navegar com mais segurança. Não é só um espaço geográfico que se esboça, mas também um espaço mental. Era necessário ter em conta a base dos conhecimentos humanos e, com todo o respeito, o peso da herança vinda do passado. A sua obra faz-nos um ponto da situação sobre três decénios de progressos prodigiosos no campo geográfico. Permite arejar o olhar que se tinha sobre o planeta Terra. Palavras, expressões, lugares, o discurso estão muitas vezes incrustados na biblioteca, tantas vezes, secular do geógrafo. Corroboração de um mundo que mergulha as suas raízes na *Idade Clássica* e que sobreviveu ao longo da *Idade Média*.

D. João de Castro conheceu bem os sentimentos, os segredos, os sofrimentos dos investigadores antigos e modernos. Ele próprio partilhou a tristeza, o abatimento face a tanta incúria dos pilotos, face a questões sem resposta: as origens do Nilo; divergências de apreciação das distâncias da travessia do Atlântico Sul entre as costas brasileiras e africanas; o magnetismo; o heliocentrismo; o questionar e sondar os labirintos e os alicerces do conhecimento. É tudo isto que nos permite compreender melhor como este *vivo gigante Adamastor*, enamorado dos mares, deixa aqui marcas profundas em sulcos lavrados por naus puxadas por ventos tantas vezes inconstantes. Pelas qualidades humanas e morais foi promovido a vice-rei da Índia, a poucas semanas da morte. Decisão real das mais acertadas face ao número dos que se acotovelariam no corredor de acesso à mais desejada das promoções. Quando o dinheiro, vindo de Lisboa, para pagar aos que se



encontravam espalhados pelos mares do Oriente, já chegava tarde e a más horas, era o seu salário que avançava para dar de comer aos marinheiros da armada que capitaneava. Quando a morte se aproxima em terras do Oriente e a pena já pesa, tem ainda forças para confessar o vazio que lhe ia na alma e nos bolsos, não tendo sequer para um caldo de galinha. Quando foi necessário fortalecer as muralhas da cidade bombardeada e não havia “garantia bancária”, o fiador, querendo assegurar o pagamento integral da dívida e que a sua palavra e honra eram oiro sólido e dos mais nobres, dá, como hipoteca, o túmulo do filho Álvaro, aí falecido, e a sua própria barba.



CARAMBA MANUEL

Ao António e à Luísa, agradecendo a colaboração no enquadramento histórico do romance “Requiem para o Navegador Solitário”

– Caramba Manuel, como esperas conseguir esconder tanta gente?

foi isso mesmo que ouviu numa mensagem enviada da Austrália após o seu desembarque em Timor, regressado daquele país, para onde se havia ausentado em busca de apoio dos aliados para salvar os portugueses, que embora estivessem cobertos pelo estatuto de neutrais, eram brancos e ocidentais, uns desterrados pelo regime e outros abandonados pelo Império numa ilha do fim do mundo, no extremo Oriente, lá onde “O Sol logo em nascendo vê primeiro”. Talvez Camões ao escrever este verso, tivesse intenção de referir-se aos japoneses que têm estampado na sua bandeira o Sol, símbolo de Deus ou Imperador, e em nome de quem não davam descanso a ninguém, nem mesmo ao Manuel e ao seu grupo, que foi engrossando com toda gente que lhe pedia protecção. Afinal foi para isso que se tinha retirado para a Austrália com a promessa de regressar com ajuda.

– Caramba Manuel como esperas conseguir esconder tanta gente?

perguntava Manderson com quem havia estabelecido o compromisso de que a sua missão em Timor seria a de um grupo secreto com a função de observar o movimento das tropas japonesas, tão invasoras como todas as forças militares que antes haviam entrado em Timor. O australiano recomendava-lhe que se libertasse de alguns. Como poderia libertar-se de alguns, se lhe juntava mais um fugitivo, mais desesperado ainda que o anterior, um desterrado do Alentejo ou um nativo de Kelikai, que no seu entender era tão português como o malaie.

Os japoneses haviam organizado uma milícia chamada Coluna Negra, com gente recrutada em toda a ilha, e que se arrastava no terreno como uma sombra, levando na sua fúria tanto o Padre Pires, oriundo de Freixo-de Espada-à-Cinta,

(nada consta nos registos que na altura dos acontecimentos, levasse uma espada na cinta que, porventura, tivesse irritado os japoneses) assim como o régulo de Suro D. Aleixo Corte-Real, cuja memória as entidades coloniais decidiram depois da guerra perpetuar, pondo a circular no território várias notas de escudos timorenses com a sua real estampa, numa clara alusão ao mito de que ter-se-ia embrulhado com o estandarte nacional antes de ser morto.

As reparações tardias pecam por serem sempre tardias. Ainda que embrulhadas com boas intenções. O resto é um descargo de consciência. Mais valia que lhe tivessem oferecido em tempo oportuno meios para se defender do ataque das milícias.

– Caramba Manuel como esperas conseguir esconder tanta gente?

Manderson avisava-lhe para reduzir o número para metade, para se livrar de alguns, talvez os nativos, quiçá as mulheres e crianças. Manuel achava isso uma imprudência, queria ficar com a consciência tranquila. Depois poderiam denunciar aos inimigos o seu paradeiro, como fizeram aqueles que se juntaram às milícias da Coluna Negra para fazer as desforras por causa do massacre da população civil praticado pelas autoridades coloniais nas campanhas ditas de punição e, que, para o efeito, tiveram de pedir salvo conduto aos japoneses, numa clara violação da soberania que doravante ficaria refém dos nipónicos, assim como todos os malaies que foram encerrados nos campos de detenção de Liquiçá e de Maubara, bem como os nativos enclausurados no seu próprio território.

Finda a guerra, Timor havia perdido mais de meia centena de milhar de almas. Um número tão elevado que surpreendeu o açoriano D. Jaime Garcia Goulart, primeiro bispo de Dili, que, sendo sábio

CARAMBA MANUEL

e culto, devia saber que as guerras, embora fossem obra humana, pautaram sempre pela ausência divina que podia ter dado uma mãozinha (não importa se da esquerda ou da direita dado que Deus no campo ideológico é tão neutral como Salazar em tempo de guerra), uma mão que sustivesse o golpe no momento em que é desferido, como quando o fez na altura em que Abrãao ia sacrificar o filho de Caramba Manuel como esperas conseguir esconder tanta gente?

Manderson insistia para largar alguns, talvez os nativos, quiçá as mulheres e crianças, empecilhos, aquilo era um grupo secreto e não um exército de salvação. Foi isso o combinado. Não devia pôr em risco a missão, nem mesmo a sua própria vida e a dos australianos que o acompanhavam, devendo concentrar-se apenas nos japoneses, que eram tantos como os mosquitos das várzeas com o seu zumbido aterrador, depois da chegada da quadragésima oitava divisão, que antes havia deixado o Império do Meio em pantanas.

MacArthur tinha-se retirado das Filipinas para a Austrália numa rendição histórica do exército americano que mais tarde haveria de vingar-se fazendo o Imperador curvar-se como vencido, naquilo que foi a maior humilhação sofrida por um homem que alguma vez se colocou na pele de um Deus, arrastando na sua queda um povo inteiro, estilhaçado pelas armas de destruição massiva que foram lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, fazendo da Segunda Grande Guerra Mundial a mais apocalíptica de todas as guerras. João, o Evangelista, se porventura tivesse presenciado a cena, não ousaria passá-la à escrita por uma questão de bom senso. Poderia ofender as pedras.

– **Caramba Manuel como esperas conseguir esconder tanta gente?**

assim lhe recomendava o australiano, a quem fez ouvidos moucos. O território era tão pequeno e devastado pelos japoneses que mais cedo ou mais tarde seria capturado. Ele sabia perfeitamente por experiência própria adquirida na Primeira Grande

Guerra Mundial, nas terras de França, como aconteceu na batalha de La Lys, que a sorte nem sempre protege os audazes. Isso só acontece nos filmes americanos, Rambo, John Wayne, Oliver North e outros que tais. Embora na altura o enviado do Governo de Lisboa o tivesse referido como “franco-atirador”, um epíteto utilizado pelos japoneses relativamente a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, colaboravam com as forças aliadas. Francamente prefiro realçar a sua grande humanidade depois de ter lido o seu diário. Digase em abono da verdade que foi a sua boa conduta em tempos de paz, como administrador de concelho, que lhe valeu apoios dos nativos nos momentos críticos.

Preso e torturado viria a sucumbir na prisão. Os japoneses ficaram com o código secreto de comunicação que lhes permitiu anular sucessivamente diversas operações. Manderson estava provido de razão. Manuel não tinha condições nem meios para esconder tanta gente num território minúsculo, infestado de pequenos guerreiros do Império do Sol Nascente e atraído por um coração enorme onde cabiam todos aqueles que, independentemente da origem, credo e da cor das peles, eram seus irmãos.

– **Caramba Manuel como esperas conseguir esconder tanta gente?**

Texto lido na apresentação do livro “Timor na 2ª guerra Mundial. O diário do Tenente Pires”,

de António Monteiro Cardoso, com a colaboração de Luísa Tiago de Oliveira.

Matemática a Brincar

Coordenadoras do projecto

Dras. Maria Manuel Torres, Maria Adelaide Carreira

O Gabinete de Supervisão de Projectos “Matemática a brincar” funciona no Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa desde Julho de 2006 e tem o apoio da Sociedade Portuguesa de Matemática.

O Gabinete tem por objectivo a dinamização e o acompanhamento de projectos de actividades extracurriculares desenvolvidas por licenciados em Ensino da Matemática em alguns estabelecimentos do Ensino Básico com 1º ciclo, por solicitação dos mesmos. Estas actividades consistem na realização de uma grande variedade de experiências de carácter lúdico com cariz matemático, destinadas a estimular nas crianças a curiosidade e o gosto pela Matemática.

No ano lectivo de 2006/2007, estiveram em curso projectos nas Escolas Básicas do 1º ciclo de Azenhas do Mar, Galamares, Almoçageme, Colares, Mucifal e Manique, Colégio de S. João de Brito, Colégio do Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, Colégio Moderno e Colégio Valsassina, continuando no presente ano lectivo nos mesmo estabelecimento de ensino e, ainda, nas escolas do agrupamento de Alapraia; concelho de Cascais (escolas de Manique, Galiza e S. Pedro do Estoril) envolvendo 9 monitores licenciados em Ensino da Matemática e mais de 30 grupos de alunos do 1º ao 4º ano de escolaridade. Os recursos necessários para a realização das experiências são os normalmente existentes numa sala de aula, tais como papel, lápis, cores, cartolina, cola, tesoura. É importante salientar que o tempo disponível para a “Matemática a brincar” não inclui a realização de trabalhos de casa ou outro tipo de actividades consideradas de carácter obrigatório. A maior parte destas experiências baseia-se em trabalhos já desenvolvidos pelos Professores Doutores Jorge Nuno Silva e



Jorge Rezende do Departamento de Matemática da FCUL, pela Professora Doutora Carlota Simões do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e pela Mestre Eunice Neves da Escola Secundária de Ourém (com Mestrado em Matemática para o Ensino na FCUL).

Matemática a

Maria Manuel Torres e Maria Adelaide Carreira são as dinamizadoras do Projecto “Matemática a brincar” que gentilmente acederam falar à Pessoas.

Como surge o projecto «Matemática a brincar»?

Maria Manuel - Foi a partir de uma experiência feita em Coimbra, em 2005/2006, apresentada num encontro da Sociedade Portuguesa de



Matemática por uma colega nossa, Carlota Simões, professora de Matemática na Universidade de Coimbra. Ela esteve um ano lectivo com crianças a desenvolver actividades lúdicas de matemática com o objectivo de escrever um livro numa colecção denominada “Ciência a Brincar”. Nesse encontro, mostrou os resultados do trabalho desenvolvido por ela e algumas outras colegas em que adaptaram histórias e lendas para que as crianças tivessem um contacto diferente com a matemática, uma

matemática mais lúdica, menos ligada às operações numéricas e aos cálculos. A experiência teve muito êxito, foi trabalhada só numa turma e esta gostou muito. Foram apresentados filmes em que as crianças mostravam bastante entusiasmo.

Eu e a Adelaide conversámos sobre o assunto e chegámos à conclusão de que talvez fosse possível estender essa experiência às crianças de Lisboa, pensámos que seria interessante encontrar professores de matemática que estivessem disponíveis para ir às escolas e estar também, uma vez por semana, com as crianças a desenvolver actividades desse tipo.

Contactámos alguns dos nossos finalistas e encontramos pessoas interessadas em tentar desenvolver esse trabalho. Seguidamente, contactámos escolas, juntas de freguesia, câmaras, colégios e tivemos resposta de colégios particulares e da Câmara de Cascais, que se mostraram interessados em apostar nesta ideia um bocado pioneira, que nunca tinha sido testada aqui em Lisboa. Propusemos, então, que as crianças tivessem uma hora por semana de matemática lúdica, preferencialmente em horário extracurricular

Porquê «a brincar»?

Maria Manuel - Primeiro, porque a tal Colecção em que a Professora Carlota ia entrar se chama “Ciência a brincar”. Eu faço questão de explicar que a “Ciência a Brincar” começou à volta dos anos oitenta, com o Professor Carlos Fiolhais, um físico de Coimbra, muito conhecido, que já ganhou vários prémios de divulgação da ciência, ele e a Constança Providência criaram a Colecção “Ciência a brincar”, na Gradiva, com experiências ligadas à ciência, formuladas para crianças. Portanto, eles já tinham essa tradição para a Física e sugeriram à Carlota que passasse essa ideia para a Matemática. Nós sugerimos essa ideia a várias escolas e chamámos-lhe “Matemática a

Brincar

Brincar” por causa da génese que veio da “Ciência a Brincar” que é feita por cientistas a sério e daí não acharmos que fosse pejorativo chamar-lhe assim. Quando se é criança aprende-se muito a brincar.

Já vimos que Professora Carlota Simões começou com histórias, lendas, esse é o ponto de partida das actividades? As áreas a trabalhar são específicas da Matemática?

Adelaide - Pode ser e pode não ser, normalmente nós temos um propósito: queremos que os alunos atinjam determinado objectivo e a tarefa é preparada em função disso, mas regra geral quase todas elas procuram partir de uma pequena história para que o aluno também desenvolva outras actividades, a própria leitura, a interpretação de textos, a arte gráfica, a geometria e ligar tudo isso à matemática. No fundo, as histórias são um bocadinho procuradas em função do objectivo que se pretende para a acção.

Maria Manuel (acrescentando) - As histórias que temos estado a utilizar não são só as da Carlota. Ela tem o livro que saiu há um ano, mas



felizmente temos aqui gente com muita imaginação, as nossas colaboradoras. E, este ano, os novos colaboradores, têm inventado muitas histórias e muitas actividades; se não fossem eles, este trabalho não tinha interesse nenhum, porque eu e a Adelaide não damos resposta a isto tudo.

Adelaide - A quantidade de material que se vai formando, o do ano passado e o deste ano já começa ser muito significativo e muito original. Eles próprios criam e estruturam a actividade.

Querem dar alguns exemplos?

Helena Afonso - Optei por “As prendas do Rui” que é uma tarefa da área da combinatória, como há muitas que nós temos. A Professora Carlota Simões já tinha feito dois tipos de tarefas, uma era “A Quinta do Senhor Joaquim” e a outra “Os Caminhos de Sofia”; Eu achei muito simples e já muito batido, lembrei-me, então, das roupas do Rui, porque eles gostavam muito de combinar roupa. Também há “O Restaurante do Chico” em que combinam peças de fruta para sobremesas. O objectivo destas tarefas é contar quantas combinações diferentes se podem fazer com um determinado tipo de objectos.

Adelaide - Também há muitas tarefas com histórias de príncipes e princesas.

Matemática a

Maria Manuel - Nós duas somos 10% e eles são 90%; nós tentamos ir ao encontro do imaginário e, hoje em dia, o imaginário dos miúdos é muito rico, porque além das histórias dos contos de fadas, têm tudo o que passa na televisão e os jogos das *playstation*, portanto, é muito difícil competir com os audiovisuais e com os computadores. A ideia da “Matemática a brincar” é um bocadinho voltar às origens; tentar que eles se divirtam com coisas simples mas que estejam a puxar pela cabeça, ao mesmo tempo. É por isso que tentamos, em termos de materiais, não usar coisas sofisticadas, nada de bonecos e imagens a mexer, é sempre imagem estática, são desenhos. A ideia é que as crianças voltem a gostar das pequenas coisas e que se divirtam com a matemática, apenas com o raciocínio, com o prazer de conseguir chegar ao fim de um desafio, como por exemplo construir uma história através de um jogo de dados.

E há também os jogos matemáticos, divulgados por um colega daqui da Faculdade, o Professor Jorge Nuno Silva que tem uma colecção que saiu no “Público”, no Verão passado. Os jogos são das actividades de que eles mais gostam.

Adelaide - Não são uns jogos quaisquer, são jogos que obrigam a que eles vão criando uma certa estratégia, um certo desenvolvimento de raciocínio para conseguirem não só entender as regras e

jogar, como também alcançar a vitória. Não é o jogo pelo jogo, mas o jogo bem pensado, com um objectivo bem definido. São jogos muito simples, às vezes, mas com um efeito formativo muito importante.

Há também um incentivo à reciclagem, de que forma?

Maria Manuel e Adelaide - Por exemplo, aproveitam-se as caixas dos ovos, ou as tampinhas das garrafas ou massinhas, ou ainda o cartão das caixas de cereais para construir jogos de tabuleiro. Tentamos ser muito simples e usar muito o quotidiano deles. Há outras actividades em que utilizamos, por exemplo, formas geométricas: um leva um pacote de sumo, outro leva uma garrafa, mas a ideia da reciclagem está mais nos jogos, quando constroem os materiais usando os desperdícios.

O desenvolvimento da criatividade como se processa? As actividades não ficam restringidas à matemática, pois não?

Adelaide - Quando eles vão continuar uma história que contém um problema de matemática que eles vão resolver, ou tentar resolver, através da história que foi o meio de introdução. O próprio trabalho de mãos que as crianças, às vezes,



Brincar

não têm... No ano passado havia crianças, por exemplo, que não sabiam fazer um laço, e aprenderam a fazê-lo é como no caso das dobragens que vamos ver hoje.

Muitas vezes, há crianças que são muito rápidas a resolver um problema: a Helena pôs uma situação aos alunos em que estes tinham que dispor umas pessoas sentadas à volta de uma mesa redonda mas havia uns amigos que estavam zangados uns com os outros; e eles tinham que os arrumar de maneira que os que estavam zangados não ficassem uns ao lado dos outros.

Ora como houve alguns que resolveram o problema muito depressa, ela disse-lhes para lhes contarem a história do que é que tinha acontecido à mesa. Houve coisas engraçadíssimas: uns fizeram guerra de comida, outros fizeram as pazes e foram todos ao cinema.... Portanto, nós tentamos, normalmente, quando há meninos que são muito rápidos no raciocínio, em matemática, puxar para outro lado, mas depois em termos de expressão escrita têm mais dificuldades...!

Qual a idade e o ano escolar ideais para começar?

Adelaide - O ano zero, a pré - escolar, quatro, cinco anos. Os nossos mais pequeninos têm quatro anos mas temos tarefas até ao 5º ano com os quais já estamos a praticar. No ano passado, fizemo-lo até ao quarto, este ano, com o 5º ano. O engraçado é que foi mesmo pedido por um dos colégios que se criasse uma “Matemática a brincar” para o 5º ano, porque os pais das crianças que tinham tido “Matemática a brincar” no quarto ano, queriam que os filhos continuassem e o colégio não tinha nada. Estamos então a fazer coisas completamente novas, porque o quinto ano é novidade.

Está aqui o grupo que está a trabalhar o quinto ano e eles podem dizer como é que está a correr.



Façam-nos então uma síntese dos vossos trabalhos.

Luís Esteves e Ricardo Machado - O facto de não termos nenhum material para aproveitar dos anos anteriores, é uma experiência e um desafio para nós. Achamos que está a correr bem porque a maior parte dos nossos alunos já tinha tido “Matemática a brincar” no ano passado e, portanto, eles já possuem alguma dinâmica para trabalhar nesses moldes. Em relação ao trabalho prático, a maior diferença entre o primeiro ciclo e estes do quinto ano é o facto de não se poder apostar tanto na história de entrada. Os do primeiro ciclo acham imensa piada às princesas, aos reis e aos castelos.... Com estes não vale a pena, como há a passagem de ciclo, abominam completamente essas histórias e, portanto, temos de fazer quase tudo de novo. Estamos, então, a abordar mais a parte da lógica, os jogos a que eles acham imensa piada, também aproveitamos alguns conceitos e episódios da História da Matemática, como por exemplo o “método da gelosia”...

Gelosia?

Luís Esteves e Ricardo Machado - Consiste num método de multiplicar números com os

Matemática a



dígitos que queiramos utilizando um quadro, partindo unicamente do conhecimento da tabuada. Este processo era utilizado na Idade Média.

Para o 3º Ciclo estão a pensar nalguma coisa?

Adelaide - Para o Terceiro Ciclo e Secundário já existem vários projectos no Departamento de Matemática tais como a “Bolsa de Palestras”, “Clube do Tempo” e “Clube da Navegação”

Como se processam as sessões?

Maria Manuel - A maior parte das sessões está em horário extracurricular, depois das aulas, por volta das dezasseis, dezasseis e trinta, as sessões começam, no Primeiro Ciclo, com uma história ou com um jogo.

Por vezes, fazemos sessões com campeonatos ou concursos e um ou outro concurso de tabuadas ou de operações - a ideia não é aprender tabuada ou cálculos, não é esse o objectivo.

Quando as crianças já sabem ler razoavelmente, lêem a história - um parágrafo cada um. Quando notamos que nessa turma não conseguem ler bem, ou que levam muito tempo a ler, o professor lê, porque estes alunos pequeninos distraem-se muito facilmente; têm um grau de concentra-

ção muito baixo, por isso têm de ser coisas muito apelativas e rápidas. Depois começam a entrar no problema. Portanto, eles têm primeiro que ouvir a história, interessar-se por aquilo que se vai fazer e depois distribuem-se os materiais: ou são fichazinhas para eles preencherem ou são coisas para construir, dobragens, colagens, etc.. No final, há alunos que conseguem resolver rapidamente a tarefa e então puxa-se para a criatividade de maneira a que escrevam um textozinho de 3, 4 linhas com qualquer coisa que tenha a ver com a história ou, quando não há muita coisa a escrever, pede-se para inventarem novo problema ou escreverem o que é que acharam daquela actividade ou qual foi a actividade de que gostaram mais.

Tem de se ter qualquer trunfo na manga para os mais rápidos ou para os desinteressados.

Maria Adelaide - Nalguns casos a própria actividade em si é um jogo onde eles têm que vencer certas etapas. A questão do comportamento, das pontuações é algo muito engraçado...

Helena - Nós verificámos, no Colégio Moderno e no São João de Brito, que os miúdos estavam muito cansados ao fim do dia e queriam mais brincar que trabalhar, mas a “Matemática a brin-

Brincar

car” tem tarefas para as quais só precisam de estar minimamente concentrados. No São João de Brito, uma das nossas colegas aplicou o método das classificações de comportamento: quando os meninos se portavam bem tinham um +, quando se portavam mal tinham -, havia um + -, também. O que é que acontecia? Com três menos iam à coordenadora do Primeiro Ciclo; se tivessem quatro já saíam do “Matemática a brincar”. Para o caso do +, eles propuseram que de cada vez que tivessem um + poderiam ter um -. Não aceitámos e combinámos que se se portassem bem quatro dias seguidos, podiam tirar um menos. Então eles faziam as contas. De facto, quando adoptámos este método as coisas melhoraram bastante.

Qual é a carga horária? Há trabalho de casa?

Adelaide - Cinquenta minutos, nalguns casos quarenta e cinco noutros, uma vez por semana. Não há trabalho de casa. Quando muito, o terem gostado tanto do que fizeram que, às vezes, jogam em casa com os pais ou os irmãos. Alguns pedem-nos para levar e acabar em casa, mas só quando eles querem. Outra coisa é que nós não ajudamos a fazer os trabalhos de casa de matemática

Onde se realizam as sessões?

Maria Manuel - As sessões realizam-se nas escolas deles. Estão no São João de Brito, no Colégio Moderno, no Colégio Valsassina, no Colégio do Grémio Liberal de Campo de Ourique (GILCO) e em algumas escola públicas.

Este ano não há nenhum estabelecimento de ensino em que os professores das crianças estejam em conjunto com os da “Matemática a brincar”. No ano passado, tínhamos um colégio e um agrupamento de escolas de Colares em que, por



questões de horário e económicas, se juntaram os professores. Este ano não está a acontecer porque as escolas desse agrupamento ainda não têm o financiamento. E no colégio chegou-se à conclusão que era melhor a professora da “Matemática a brincar” estar numa hora diferente porque o espírito deste projecto é mesmo o de actividade extracurricular, embora as professoras das turmas que estiveram em conjunto, tivessem afirmado ter gostado e estarem muito contentes.

É necessária formação específica para os professores?

Adelaide - Convém que as pessoas sejam licenciadas em Matemática, porque muitas vezes interessa mesmo ver o alcance que isto tem. Algumas coisas que estamos a fazer não estão directamente inseridas nos programas do Primeiro Ciclo, mas já despertam as crianças para um tipo de problemas e de raciocínios que elas, mais tarde vão utilizar. Portanto começam aos poucos a desenvolver aquele tipo de pensamento abstracto, raciocínio, que depois lhes será útil no futuro como por exemplo o raciocínio lógico, que se consegue desenvolver bastante com situações do dia-a-dia, só que, muitas vezes, as pessoas não trabalham tanto esse lado.

Com têm reagido as crianças?

Adelaide - Nós temos alunos muito variados, desde alunos dos melhores colégios de Lisboa, aqueles que têm as melhores notas nos *rankings*, que é o caso dos Colégios Moderno, São João de Brito e Valsassina, a alunos de zonas carenciadas,

Matemática a Brincar

e o caso dos alunos das escolas do concelho de Cascais.

Duas representantes que trabalham com eles, a Patrícia Martins e a Cátia Duarte, que estão aqui, podem dar o seu testemunho



Patrícia - Normalmente reagem bem, no ano passado houve apenas um aluno que pediu para desistir desta actividade. Este ano começou muito mal, a escola está na zona da Galiza e Alapraia, no meio de um bairro social, onde há muitos ciganos, até alguns alunos são ciganos e eles são muito irrequietos, o primeiro ano não, mas o terceiro ano é uma turma difícil. Os miúdos ainda não sabem falar bem, há miúdos que têm muita dificuldade em ler e em falar. No primeiro dia entraram e começaram a falar crioulo, a baterem-se uns aos outros, levantavam-se.... eu fiquei super assustada. Primeiro, porque não sabia com que tipo de alunos estava a trabalhar, nem quem eram os pais deles. Normalmente ouvimos muitas histórias; tive que chamar a professora, reparei que ela era bastante autoritária,

era capaz de lhes dar uma chapada... Há quatro ou cinco que são mesmo terríveis.... A dada altura, lembram-se, levantam-se: “quero ir à casa de banho”, “quero ir beber água”, “quero ir bater àquele”... Batem-se uns aos outros, então, é preciso puxar-lhes pelos braços, a gritar: “senta-te!”. Pomos um em cada ponta e lá conseguimos trabalhar. Mas agora já se trabalha bem. Há um que apareceu a falar crioulo, mas já não levanta problemas, ontem fez a tarefa mas não fala com os outros. Um outro, que é também muito mau, realizou a tarefa bastante bem. Ontem o trabalho era “A paleta do pintor”. É muito giro, mas houve duas meninas que não conseguiram fazer nada. Outro dos problemas é que muitos não sabem as cores, não sabem contar ainda, não sabem ler e estão no 3º ano. Há um menino que veio de Angola e não sabe falar português...

Quantas crianças é que têm em cada grupo?

Patrícia - No 1º ano tenho 12 crianças; no entanto vão surgindo, agora vieram mais duas. No 2º ano tenho 23, no 3º ano, a pior turma, tenho 12/13. No 4º ano tenho 22/23





Cátia - Estou na Escola de Manique, tenho cerca de 20 por turma e na Escola de São Pedro tenho, mais ou menos, 30.

Esta actividade é paga?

Cátia - Sim, sim, não é muito, mas é pago.

Qual é o tipo de actividades que eles preferem?

Estão disponíveis para se deslocar ao estrangeiro, caso alguma instituição vo-lo solicite?

Cátia - Nesta escola, foram eles que escolheram “Matemática a brincar”, entre várias opções. As actividades preferidas relacionam-se com coisas mais práticas, sem dúvida: os jogos... A nível de Geometria têm uma grande falha. Preferem fazer coisas com as mãos, se for para pensar.... mais vale ficarmos quietos

Adelaide - Sim, claro!

Rosa Correia e António Pinheiro

E os professores e as famílias, como é que reagem? Que avaliação fazem do trabalho já realizado, uma vez que este é o segundo ano?

Pode obter-se informação sobre os projectos que o Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL) desenvolve para as escolas, entre os quais se encontra o “Matemática a brincar” no seguinte endereço:

http://mat.fc.ul.pt/pt/noticias/sec/ensino_bs

Adelaide - Eu acho que aderem bem, é muito positiva a avaliação que fazemos. A prova é que do ano passado para este ano aumentou o número de pedidos. Todos os que estiverem, quiseram continuar e ainda houve mais que pediram. Importante é manter o carácter extracurricular.

A partir de Março de 2008, a «Matemática a brincar» terá um sítio onde estarão os contactos das pessoas que trabalham neste projecto e algumas das actividades desenvolvidas. O endereço será divulgado através da página do Departamento de Matemática da FCUL.



*(...) Estaremos brevemente a sua espera em Genève...
Descubra aonde ??????(...)*



Partilhe a sua felicidade com outros

Dois homens, ambos gravemente doentes, partilhavam o mesmo quarto no hospital. Um deles podia sentar-se na cama, todas as tardes, durante uma hora, para que os fluidos circulassem nos pulmões.

A sua cama ficava junto à janela, permitindo-lhe ver outros horizontes, enquanto o compa-



nheiro, que tinha sempre que estar deitado, de lado, ficando de costas voltadas para a janela, ficava na outra mais afastada.

Os dois discorriam em longas conversas sobre as suas mulheres,

a família, os empregos, o aeromodelismo, os locais das últimas férias...

E todas as tardes, quando o homem perto da janela se sentava, descrevia ao companheiro toda a vida que fervilhava lá fora. Todas as cores de que se vestia a paisagem e de que se pintava o horizonte.

O companheiro começou a viver à espera desses períodos de uma hora em que o seu mundo extravasava fora do quarto asséptico do hospital e chegavam ao parque, ao lago com cisnes, às crianças empurrando miniaturas de barquinhos, aos jovens namorados de mãos dadas caminhando pelas as áleas, às vetustas e imponentes árvores desenhando silhuetas num céu tingido a cores do arco-íris.

Enquanto as descrições pormenorizadas saíam dos lábios do colega, ele fechava os olhos e, como por magia, ficava, real, bem no centro desse mundo.

Um dia o companheiro descrevia um desfile com uma banda musical a acompanhar e embo-

ra a música não lhe fosse audível a sua mente ritmava os compassos e mentalmente rejubilava com a garridice dos uniformes.

Dias, semanas, passaram. Uma manhã, quando a enfermeira chegou com a água para o banho, encontrou o corpo inanimado do companheiro da janela. Falecera, calmamente, durante o sono. Muito pesarosa, chamou outros colegas para levarem o corpo e procederem à arrumação do local.

Logo que lhe pareceu o momento oportuno, pediu à enfermeira se podia ocupar ele agora o lugar da janela. Esta acedeu e imediatamente lhe colocou a cama no local desejado, abandonando o quarto de seguida.

Então, lentamente, tentando aguentar as dores que lhe dilaceravam o corpo, soergueu-se, e apoiado no cotovelo fez um esforço para contemplar agora, ele próprio, o mundo lá fora. Do lado de lá, só viu uma grande parede de tijolos que barrava a sua avidez de largos horizontes.

Perguntou à enfermeira como é que o seu anterior companheiro de quarto lhe descrevia uma paisagem tão repleta de vida quando ele só vislumbrava o muro alto e enegrecido.

Surpreendida, esta responde-lhe que o companheiro até era cego, portanto nem a parede podia ter visto. “Ah – acrescentou, rapidamente – ele talvez lhe quisesse dar coragem e alento para enfrentar a sua doença, por isso lhe fazia as belas descrições.

Há uma felicidade tremenda em fazer os outros felizes, apesar dos nossos próprios problemas. A dor partilhada é metade da tristeza sentida, mas a felicidade quando partilhada fica redobrada. Se te queres sentir rico, partilha todas as coisas que o dinheiro não pode comprar.

“O dia de hoje é uma dádiva, por isso é que o chamam de *presente*”

Entre Museus, Rapaduras e Quiabos

Amado filho Felipe Xisto

Estou finalmente passando as tão esperadas (e merecidas) férias no Brasil. Férias? Sim, mas como força de expressão! Na verdade esta viagem ao Brasil não passa, como você bem o sabe, de um tão adiado cumprimento de dever de “filho-da-pátria” que sou. O reencontro com a família é a parte principal. Como acréscimo, vem os amigos, florestas, rios, bananas no cacho, rapaduras, quiabo fresco colhido na hora, embornal de fubá, as histórias do papai, manga rosa, manga larga, Rio-do-Peixe-de-Piracema, o alto do Taquaral, uma ida em Brumadinho, e assim vai um milhão de pequenas grandes coisas, onde não se pode deixar de incluir o velho moinho do Taquaral com seu rêgo d'água que canta baixinho, solitário, a sua cançãozinha de amor. A tia no alpendre nos vendo chegar e, aquela alegria incontida no coração de menino.

Antes de conhecer Genebra eu tinha a ambição de conhecer o Brasil visto de fora. Pensar o Brasil fora dele. Esse desejo era mais forte que a vontade de conhecer a Europa tão somente. A tarefa foi reconfortante. Tão reconfortante quanto envaidecedora. O Brasil é bom. O dinamismo de nossa gente é deveras contagiante. O Brasil tem mesmo a capacidade de contagiar sua própria gente. Um bom exemplo disso é o gosto pela Bossa Nova desenvolvido nos corações brasileiros ausentes, migrantes na Europa: pessoas que, enquanto moradoras do Brasil, jamais pararam para prestar atenção ao ritmo da zona sul carioca. Essa experiência fora do país natal representa a descoberta de uma terra que de tão perto fugia de nossas mãos, de nosso gosto, de nossa ciência. Aprende-se melhor sobre o Brasil quando se está fora dele. Pelo menos determinadas coisas, em determinados momentos históricos das diversas camadas sociais. Ou seja, vale dizer, que no exterior a gente se encontra (o Encontro por excelência). Algumas



Quiabos preparados para venda

tendências culturais se interagem fora do país, sem nunca delas ter-se experimentado antes do exílio. Não só a interação, mas, observa-se tam-



Feira dos quiabos ao ar livre

bém uma forte produção de novas coisas, novo impulso da criatividade brasileira. Ou seja, de uma maneira inteiramente diferente, encontra-se, conhece-se e cria-se dentro do apertado caminho

Entre Museus, Rapaduras e Quiabos



Estação-Central de Belo Horizonte

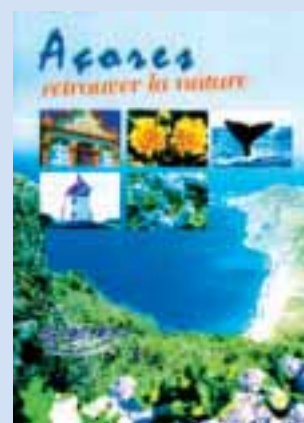
do migrante, cuja contribuição às artes, ofícios e negócios é inegavelmente progressista. E por falar em ofícios, você não viu. Foi inaugurado na Estação Central de Belo Horizonte um novo Museu. Trata-se do Museu de Artes e Ofícios. Sua mãe adorou. Heloisa, em sua distinta maneira, pode ser vista movendo-se rumo a uma sincera reverência diante daquele universo de “machines” que construíram, afinaram e embalaram os sonhos de nosso “savoir faire”. Eu, do meu canto, entornando de alegria e vivacidade infantil, agradei baixinho (como numa prece) a nobre iniciativa que tornou esse museu uma realidade. Desgarrados de seu tempo e longe de seu espaço original, a simples presença dos objetos nos proporciona esse olhar quase indescritível que nos ensina (ao menos) que Artes e Ofícios, Homens e

Mulheres, Ruas e Praças, Estações Ferroviárias e Engenhos estão a todo momento nos dando o testemunho do fazer humano.

A nobreza do Ofício se faz ver, se inaugura em cada olhar.

Bom, para terminar, confesso que já estou com saudades do Brasil, mesmo antes de deixá-lo. E não poderia deixar de dizer que a Estação Ferroviária Central de Belo Horizonte (inaugurada em 1922) deveria se prestar ao fim pela qual ela foi construída: receber e despachar, em suas plataformas, gente de todos os lados de nossa Minas Gerais. E... as Artes e Ofícios ocupariam un desses modernos templos Chamados “Shopping Center”.

Um abraço de seu papai.



A Agência que lhe propõe e aconselha com dinamismo todos os destinos das suas férias, segundo o seu desejo.

Solicite os nossos catálogos!

L'agence qui vous propose et vous conseille avec dynamisme toutes les destinations de vos désirs.

Demandez nos catalogues!

www.sepvoyages.com
agence@sepvoyages.com

A oliveira na poesia popular

Nunca é demais repetir que o poeta dos poetas é o povo. A poesia brota-lhe da alma como a água límpida e fresca brota das fontes, ou como brotam as flores campestres que enfeitam os prados e colinas com os seus matizes. Nessas quadras populares, de que ninguém sabe o autor mas que passam de geração em geração, encontramos todo o mundo de sensações, de sentimentos e conceitos, enfim, tudo o que faz a vida dos homens, na Terra: o amor, o ciúme, o desejo, o ódio, o despeito... Tudo isso está nessas quadras singelas e encantadoras que só o povo sabe fazer e cantar.

É nos mais diversos trabalhos da vida campesina, como, por exemplo, quando o lavrador, paciente-mente, agarrado à rabiça do arado, abre sulcos de um extremo a outro da gleba; é o artista enquanto maneja as ferramentas tira medidas; é o rapaz solteiro que, não tendo ocasião de dizer à sua amada tudo o que sente, canta nas famosas rondas as quadras que traduzem o seu sentir; é a velha avó que, recordando a sua alegre mocidade, vai cantarolando para adormecer os netos. Enfim, é um povo que canta, reza, chora, trabalha e sofre.

Mas qual a fonte de inspiração para esses poetas ignorados, que nos legam esse riquíssimo património? Foi a própria natureza que os rodeava e com a qual se identificaram; são as serras e os montes; são as fontes e os rios; são as nuvens e os pássaros; as rosas dos quintal; os craveiros das janelas; os olmos do ribeiro. Eu sei lá?

Numa pesquisa que fiz junto de pessoas idosas, sobre quadras populares, chamou-me particular atenção o grande número de estrofes que se referiam à oliveira. Não admira pois ela foi sempre uma árvore muito querida do povo, não só pelo valor económico como pelo simbolismo.

Quando Noé soltou a pomba para saber se as águas do dilúvio tinham baixado, esta voltou com um ramo de oliveira no bico, ficando para todo o sempre como símbolo da Paz. Na antiga Grécia, os atletas e os gladiadores, friccionavam o corpo com

azeite para adquirir força e agilidade. É sabido de todos, também, o simbolismo religioso do azeite, pois diante dos sacrários ardia, continuamente, uma lâmpada desse precioso óleo. A oliveira pode ser ainda considerada o adorno dos nossos montes e ladeiras, pois a sua folhagem verde-cinza resiste a todas as intempéries, quando o Inverno estende o seu manto escuro sobre a natureza. Não esqueçamos que uma grande área do nosso Nordeste Transmontano é ocupado pelo olival. É portanto muito natural que os poetas populares lhe dediquem as suas cantigas e versos.

Nalgumas aldeias vêem-se oliveiras plantadas no adro das igrejas. Vejamos como elas inspiraram a poesia popular:

Ó oliveira do adro/ Não assombres a igreja/ Que bem assombrado anda/ Quem não logra o que deseja.

Ó oliveira do adro/ Tu és verde todo o ano/ Diz por mim a quem tu sabes/ Que eu ainda muito amo.

A oliveira do adro/ Tem as folhas aos anéis/ por causa de ti menina/ Padeço penas cruéis.

A oliveira do adro/ Tem as galhadinhas de prata/ Tomar de amores, não custa/ Deixá-los é o que mata.

Mas nem só a oliveirinha do adro é cantada pelo povo. A da serra inspira igualmente os poetas populares:

À oliveirinha da serra/ Leva-lhe as flores, o vento/ Só a mim ninguém me leva/ Onde está o meu pensamento.

Debaixo da oliveira/ Falaram-me de casamento/ Era o militar mais bonito/ Que andava no regimento.

A azeitona de madura/ Às vezes cai para o chão/ O ver-te falar com outro/ São facadas que me dão.

Diz-se que de poeta e louco, todos temos um pouco. Bendita loucura esta da alma poética dos nossos aldeões e aldeãs que nas agruras do trabalho da terra, são capazes de expandir todos os sentimentos que lhe vão no íntimo...

«O RESPIRAR DAS

Fruto de uma empatia dessas que surgem entre as almas gêmeas e amantes das «coisas» da Arte (com maiúscula), síntese Ocidente/Oriente, *O Respirar das Flores* consubstancia um diálogo luso-nipónico,

*quando eu adormeço
no país das cerejeiras
levanta-se o sol*

uma obra conjunta de Leonilda Alfarrobinha, natural do Algarve e vivendo em Lisboa

*fevereiro em flor
nos ramos da amendoeira —
meu país do sul*

e uma pintora, Takae Nitahara, nascida algures na Terra do Sol Nascente, na cidade de Okayama.

O laço Oriente/Ocidente, nesta obra, vai materializar-se na convergência de quatro pinturas de Takae com os cinquenta e três «haiku» de Leonilda.

Peculiar género poético surgido no Japão no século XVII, pela pena de Matsuo Basho, o «haiku» é uma forma poética breve, depurada, bela, simples e fluente, cuja substância traduz uma reacção estética, minimalista à crescente consciência humana do caos:

- exprimindo uma sensação concreta – visual, auditiva, táctil que permite associações, sentimentos, reconhecimento de um conjunto mais amplo em que essa sensação se encaixa.

*na encosta abrupta
as flores dos aloés —
gritos na paisagem*

- exigindo uma atenção aos mais pequenos eventos da natureza objectiva e imediata:

*casebre em ruínas —
uma trepadeira cresce
ao lado da porta*

- meditando sobre o que nos acontece, entre a efemeridade da sensação e o eco, que esta pode despertar na nossa sensibilidade e memória:

*nas conchas da praia
mil recordações guardadas —
o tempo não volta*

- descobrindo o extraordinário naquilo que é normal na vida quotidiana:

*passeio campestre —
no vestido e nas sandálias
o aroma do mato*

Pressupondo uma particular atenção ao ritmo cósmico da natureza, e de acordo com a essência do «haiku», a estrutura de *O Respirar das Flores*, assente na harmonia do fluir das quatro estações do ano, está demarcada pelas pinturas de Takae Nitahara:

Primavera



*ao sol da manhã
cheiro de flores no ar —
voam as abelhas*

Verão



*mar azul e branco —
os olhos purificados
e a alma também*

Outono



FLORES»

na manhã de bruma
os dióspiros vermelhos —
vai nascer o sol

Inverno



sol embaciado
num dia de nevoeiro —
crepita a lareira

Tratando-se de um género oriundo do Extremo Oriente é inevitável a influência da estética Zen, exigindo do artista capacidade de contemplação e aproximação à harmonia universal, aspectos adivinhados, por nós leitores, através

da percepção sensorial que emana de um vocábulo associado a um elemento da natureza
na praia de inverno
escutando a maré baixa —
longe o temporal

Nada mais diz, explica ou esconde. Aqui reside o conciso, o depurado, a simplicidade, a fluência e a beleza natural do haiku. A expressão minimalista que harmoniza o caos num único instante.

*lua cor de mel —
a noite entra no meu quarto
sem pedir licença*

Fiel à forma e ao conteúdo do género *O Respirar das Flores*, como o seu título já acusa, capta, regista, enquadra, presentifica, evoca o instantâneo, que emociona....

*silêncio profundo —
só o respirar das flores
no sopro da brisa*

Alfarrobinha, Leonilda Cavaco, **Nitahara**, Takae (pinturas), 2007, *O Respirar das Flores (haiku)*.

Millennium

bcp

A v i d a i n s p i r a - n o s

Genève:

Rue de Lausanne 54 • 1202 Genève
Tel. 022 908 38 48 • Fax 022 908 38 45
Tel. câmbio 022 908 38 40

Lausanne:

Place Chauderon 18 • CP 5343 • 1002 Lausanne
Tel. 021 320 99 32 • Fax 021 312 46 34
Tel. câmbio 021 323 51 34

Zürich:

Wyssgasse 6 • 8004 Zürich
Tel. 044 296 60 40 • Fax 044 240 50 45
Tel. câmbio 044 240 50 46

Um impossível epitáfio

Pior Dia, do que o de Reis, e eu ainda tão pouco por cá, para que pudesse escrever uma linha sobre o grande autor das epopeias menores, mas essa foi também a derradeira surpresa do Pacheco, maldito sejas!...

"Espantação" nenhuma haveria em que eu expusesse aqui as nossas proximidades, e, por esse mesmo assim, vou já passá-las adiante, porque a realidade é que, no espaço de um ano, nós fomos barbaramente devastados, no topo da nossa Prosa e da nossa Poesia.

Falo de Pacheco, *versus* Cesariny, como também é evidente, e até porque a Cronologia se encarregou de os unir, para o Bem e para o Mal, no desgaste da Rota Final destes anos.

Cesariny dizia ter nascido num tempo em que não havia "para cima", para onde olhar, não havia Acima, havia tão-só uma plêidade de figuras menores, que ocupavam todos os recantos do cenário. Com Pacheco, bastava olhar para o lado: muitas vezes não interessava tanto o que ele escrevia, mas o modo como o fazia. Deve-se-lhe a suprema arte da Literatura, que é saber fluir a Língua, como uma oleada engrenagem de oralidade, sem os pesadelos e os grãos da areia a que a má prosa, generalizada, nos habituou, em toda a parte.

Pacheco era um navio ligeiro, sem qualquer lastro.

Ao contrário de Cesariny, Pacheco nunca teve receio do que eu escrevia, e esse é o meu epitáfio emocional, e passo já adiante: sem Pacheco e sem Cesariny ainda menos Acima existe para onde olhar: hoje, entre meias brumas e este insuportável Janeiro setentrional, só me recordei de que faltava o Mago Obscuro, o homem que escreve com versos de percussão, pancadas vermelhas e escuras, Herberto, e, então, também ficaremos sem ele, e ficaremos sem ninguém, e ficaremos apenas com um vasto Nada.

Partilhei com o velho Pacheco aquela frase que está escrita não sei onde, do "profundo desgosto de

(saber) ver escritas certas coisas só possíveis em Português", e divergimos abissalmente na perda de tempo do acto de se debruçar a lê-las. Eu nunca as li, mas ele fazia disso o seu passatempo e o seu campo de batalha, embora a sua justiça acabasse sempre por se reportar ao lugar ético da crítica moral do autor. Para Pacheco, devia haver, em cada escritor, uma figura exemplar, como o inesquecível "César", de Suetónio, mas ele sabia, tão bem quanto eu, que isso era a vaga expectativa da incorrigível ineficácia humana se poder reproduzir numa obra-prima de comportamento.

Agora, Pacheco está sentado na cama, com o rádio, roufenho, a entoar cantilenas baixas, mobilário sonoro de um ambiente frugal. É Verão, e, se fosse Duras, eu seria o Vice-Cônsul, indecentemente trajado, da cabeça aos pés, em Colonial, e já separado, por um abismo de anos e costumes, do irremediável selvagem, que ali arfava perante mim, num triângulo extremado de luz. "Podes levar tudo o que quiseres", dizia, com as grossas lentes a arfarem – a bomba do asmático – por detrás das armações devastadas dos enfisemas, mas eu não queria nada, senão reconstruir um mundo comum, mas que já então não suportava, e não tinha qualquer restituição possível à normalidade. "Sabes, as coisas mudaram muito, a vida agora está boa é para o outro, [o Saramago], que consegue viver daquilo, que não vale nada, mas, bem esticadinho, até parece ser qualquer coisa..."

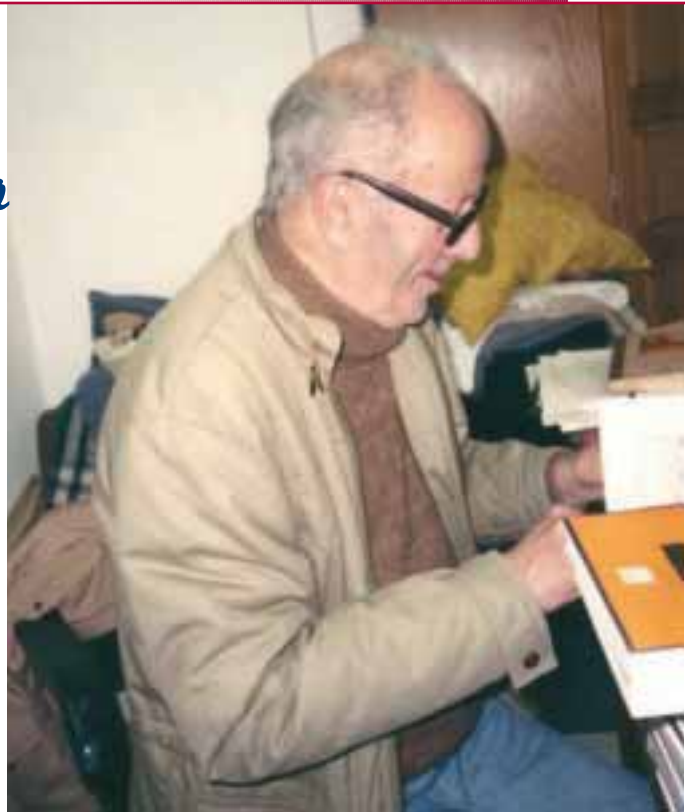
Não era bem esticadinho: era já uma espantosa máquina de proliferação e ocupação, o lado pegajoso das coisas que invadem o seu espaço indevido: vinha ali, sem o sabermos, um futuro Nobel da Literatura, a maior espécie de ultraje que todos os escritores do romance lusitano alguma vez iriam presenciar, e sofrer, e sofrerem.

Detestava o Saramago, e pelas duas razões enunciadas, aquela, referida, de escrever coisas que só a Língua Portuguesa ousaria suportar, e o lado negro, próprio, da sua faceta humana.

para Luiz Pacheco

Desenganámo-nos depois, em tempos bem diversos, quando o Homem de Lanzarote lhe arranhou a pensão cultural, que o Estado há muito lhe devia, e eu, finalmente, há uma escassa meia hora, no final daquele documentário desigual, onde o Zé, nobelizado até à quinta casa, enunciava o justo epitáfio do Luiz, “o maior escritor daquela geração”. Tiro-lhe, só por essa frase, e pela primeira vez na vida, José Saramago, o chapéu... que, por acaso, nem uso. Não gosto – eu, apologista do “noli me tangere” – em Pacheco, daquela proximidade pastosa entre as divagações do corpo e as plasticidades escultóricas do enredo. Durante anos, tive os manuscritos dos “Diários” a segurarem as portas, para poderem assegurar correntes de ar de Verão, brisas altíssimas e escaldantes, trazidas de uma janela para a outra, com os besouros a zumbirem o Estio, nas relvas mais em baixo, cada folha minuciosamente rabiscada, caligrafia a corrigir caligrafia, de episódios fátuos, pedras armilares alternadas com banalidades da Aritmética e da Contabilidade do senso-comum do burguês banal, quando eu precisava era daqueles voos excêntricos, do Cocteau, de “L’Aigle à deux têtes”, um Oberwald de pleno Estio, e não romarias do nome de Irene, e do Paulo e do longo rosário daquela espécie de “Satiricon” do país pacato e possível. Eu precisava de abismos, e Pacheco girava em redor de uma nora do seu eu precoce-mente desgastado.

Como é que o homem que sabia o que era Olhar para Cima – e traduzia-os, e trazia-os, cá, para dentro – poderia perder tanto tempo com as banalidades que só uma Língua, como a Portuguesa, se permitia, a dos Sonâmbulos Chupistas, a dos futuros “Equadores”, das trivialidades obsoletas e indigestas da Agustina, e do betão armado de Saramago, das missangas coloridas de Lobo Antunes, ou das fragilidades rugosas dos maus bordados da Lídia Jorge?... mas a resposta era que talvez buscasse sempre, por detrás das insuficiências da criação, as fraquezas do criador, os seus peque-



nos desvarios de imperfeição, para atacar, e poder criar a sua inimitável prosa sulfúrica.

Em “As Minhas Cinco Chagas de Almada Negreiros” – agora, que vamos entrar na euforia necrófila, decerto virão, finalmente à luz do prelo... – tritura Almada, se não me engano, pela impiedade para com a morte iminente daquele Ângelo de Lima (?), não me recordo do nome, que tinha o ânus ilíaco, numa atitude muito semelhante à do Príncipe de Guermantes, no episódio da saída para o Baile (não me perturbes a festa, com a sombra de um luto...) como desmerecera Cesariny, a quem acusava de ter feito corte-e-costura com os fragmentos do malogrado António Maria Lisboa – “aquilo é tudo falso, cozinhado só por ele!...” –, mas com quem tantas coisas tinha em comum, excepto aquela, essencial, que os dividia, na forma de maze-la: Cesariny soubera ir aos Céus, e, como Pacheco, visitar os Infernos, mas sempre de pelica branca, e o segundo nem se levantara da cama, nem se dera ao cuidado de descalçar as pantufas, para percorrer os mesmos trajectos...

“Sabes, no outro dia fui ali, ao Jardim da Estrela, trouxe de lá uma alma, daquelas que queria uns trocos, começámos a ensaiar umas coisas, umas “teatras”, aqui, nesta mesma cama, e eu, às tantas, paro, e olho para ele, e digo-lhe assim: “olha lá, tu já repa-

Um impossível epitáfio para Luiz Pacheco

raste no estado em que eu estou, velho, mal-cheiroso e desdentado” – e estava... – “e estás aqui a beijar-me como se eu fosse uma princesa; isso não te faz impressão nenhuma?...”

A mim fazia, mas nós estávamos sempre separados por infinitas barreiras de vidro blindado, para lá de toda a afabilidade e cumplicidade que traçava o nosso encontro de dois demónios: era mais uma hipóstase da Grécia do Feio, a bruxa esquelada que fendia os ares, a manifestar-se ali em pleno, como já Pascoaes outrora o previra.

E eu perguntava-lhe, “e, então, o que é que tu achas que vai sair de importante deste tempo?...” e ele,

“nada, ou estavas à espera de alguma coisa de especial?...”

Não estava, e lá voltávamos à voz roufenha das “cassettes”, a voz etilizada e desigual, que narrava com as cordas vocais, nos dias em que a mão se tornava demasiado trémula, e passou-me agora um daqueles estranhos pensamentos pela mente, como com certas gravações da Callas, em que lastimamos que, só já extintas as grandes vozes, se tivessem tornado possíveis os grandes meios de as fixar.

Num tempo coordenado, Pacheco poderia ter sido o mais extraordinário cronista da Blogosfera, mas nós temos de assumir o tremendo desconforto destes desfasamentos, e aqui vai um brusco ponto final parágrafo.

A “cassette” dos “Diários”, que prefiro – duvido que a reproduzam, naquela filtragem correctiva, e normalização, do Incorrígível – era o episódio da Natália (Correia), com o outro a ir preso, já não sei por quê, mas decerto por aqueles infundáveis apetites hebófilos – neste caso, de fêmea – e a encomendar as almas e o corpo da favorita à Poetisa, para que lhe blindasse os acessos, durante a peregrinação pela prisão. O resto eu não posso contar, e felizmente que os espelhos dos guarda-vestidos são mudos, e a própria poetisa já nos deixou!...

Pois é, Pacheco, caro amigo Luiz, que pena nós não termos podido mudar o Mundo, mas é demasiado tarde, e, hoje, 6 de Janeiro de 2008, definitivamente mais na horizontal do que sempre te conheci, tu já estás morto, e eu ainda estou, como se o estivesse também, por aqui, litoral da Língua, naquela estranha forma de morte que é ter podido ficar ainda mais sozinho.

Com um
forte abraço de
Luiz Pacheco

O Montepio está
onde você estiver.

Há uma coisa de que as comunidades portuguesas residentes no estrangeiro nunca vão sentir saudades: do Montepio. Em Portugal e na Suíça o Montepio mudou, mas continua sempre a seu lado, pronto a ajudá-lo nas diversas fases da sua vida. E isso nunca vai mudar.

www.montepio.pt



Montepio

Valores que crescem consigo.

Três Poemas

1.
chegam as chuvas e elas enlouquecem
atiram-se contra as cordas de água
em correrias pelas ruas
batem os pés contra as lajes
e tomadas de fúria jubilam

as cabeleiras húmidas
roçam-lhes os pescoços lisos
e elas lambem a chuva que escorre
pelas suas bocas de pequenos lobos

molhadas até aos ossos
chaphnam no fosso e na lama
de seivas e de líquenes seus rostos se iluminam

como plantas saciadas
as crianças germinam

2.
o sol
esta luz que me encandeia
crua
perversa

diria que este sol
me incendeia
mas outro lua
me atravessa

3.
os anjos têm asas e enlouquecem
ouvem nas veias apelos sagrados
e absortos sobem aos terraços

deus ergue-lhes as asas de mansinho
as penas abrem-se em lentos leques
os anjos deitam-se no ar
como grandes planetas imaculados
vão-se afastando devagar
cada vez mais altos
cada vez mais divinos

feridos de inocência
não mais hão-de voltar

sobre as casas cai
a sombra das suas asas

na fonte das nossas lágrimas
vêm depois em segredo
matar a sede de amor

Maria (Luisa) Costa
(Poemas do seu livro *Terraço*)

A Esfera Giratória

Na esfera giratória
Gira a vida, num segundo
Lá no fundo da memória
Gira a memória do mundo

Nos contratempos do tempo
Gira a força do futuro
Nos palcos do pensamento
Gira o amor belo e puro

Nos cantos do universo
Giram vozes e mais vozes
No sonho mais controverso
Giram os sonhos velozes

Para lá do infinito
Giram os mitos eternos
Cá, neste mundo esquisito
Giram mais de mil infernos

Assim vai girando a vida
Na cadência da decência
E na hora da partida
Giram almas sem cadência

José Fernandes Castro

Palácio das Nações

Nous, peuples des Nations Unies, résolus à préserver les générations futures du fléau de la guerre qui deux fois en l'espace d'une vie humaine a infligé à l'humanité d'indicibles souffrances, à

proclamer à nouveau notre foi dans les droits fondamentaux de l'homme...



Todos conhecemos este preâmbulo da “Charte” das Nações Unidas e todos sabemos da complexidade desta Organização que se ramifica num sem número de Organizações Governamentais (ON), umas, e Não Governamentais (ONG), outras; mas todas com o objectivo primordial: trazer a paz

eo bem estar aos povos e nações.

Mas não vamos falar da Organização em si mas um pouco da sua segunda sede, se assim a podemos denominar, ou seja do Palácio das Nações, em Genebra.



Este Palácio obedecendo a um traçado similar ao de Versailles, situa-se no parque de L'Ariana, que foi propriedade da família Revilliod e cujo último descendente, Gustave Revilliod, legou à cidade (1890) com a condição de ser um local de reflexão e recolhimento gozando as deslumbrantes vistas sobre o lago Léman e os Alpes.

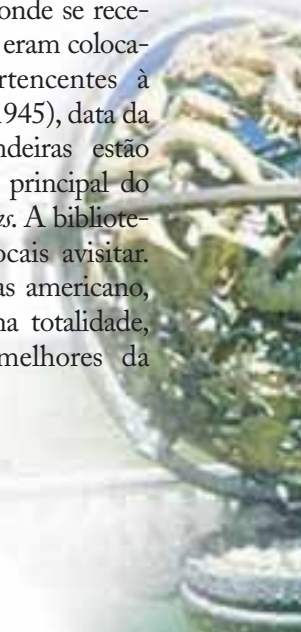
Pois nada melhor do que ser hoje um dos locais onde se trabalha para o entendimento entre os homens!

A obra, de estilo Art Déco (cuja primeira pedra foi colocada dia 7 de Setembro de 1929), funcional, de linhas rectilínias, simples e de amplos espaços, foi tornada possível graças à equipa de arquitectos

internacionais – Henri – Paul Nénot e Lefèvre, franceses; Julien Flegeheimer, suíço; Broggi, italiano e Vágo, húngaro – enquanto o recheio, tanto do interior como do parque circundante, resulta das ofertas que países ou beneméritos entendem doar.

Os espaços emblemáticos deste grandioso Palácio são as salas: do Grande Conselho (decoração oferecida pela Espanha); sala dos Delegados (ornamentada pela Ex-Checoslováquia); sala do Conselho (pela França) e o Gabinete do Secretário Geral (pela Holanda); a sala da imprensa com oito vitrais do suíço Alexandre Cingria; e a entrada da sala das Grandes Conferências encimada pelo baixo-relevo “La création de l'Homme”, oferta da Inglaterra e ao centro o vaso em porcelana, oferecido pelo Japão, no cinquentenário da ONU (1995), titulado “La planète blue de la vie”.

Ao calcorrear a grande galeria dos “Passos Perdidos”, local de troca de impressões dos Delegados antes e após reuniões, atentemos nas cores dos mármore das paredes e do chão e na simbólica rosa-dos-ventos negra e branca, bem como nas pinturas que decoram as paredes. Deste local obtem-se uma suptuosa vista para o exterior, ou seja para a “Cour D'honneur” onde se recebem as personalidades importantes e eram colocadas as bandeiras dos países, pertencentes à Organização no dia 24 de Outubro (1945), data da sua fundação da ONU. Hoje, as bandeiras estão içadas, permanentemente, à entrada principal do Palácio, em frente da *Place des Nations*. A biblioteca do Palácio é também um dos locais a visitar. Graças ao multimilionário e macenas americano, John Rockefeller, que a subsidiou na totalidade, pode ser considerada uma das melhores da



Unidas — Genève



Europa. O seu espólio, com mais de um milhão de livros versando Direito Internaional, Política, Energias, Desenvolvimento Económico, Relações Internacionais e outros, bem como relatórios e um sem número de temas informatizados, estão à disposição de investigadores, delegados, jornalistas e estudantes preparando mestrados – frisamos que tem edições próprias bem como um posto de correios com selos timbrados das Nações Unidas.

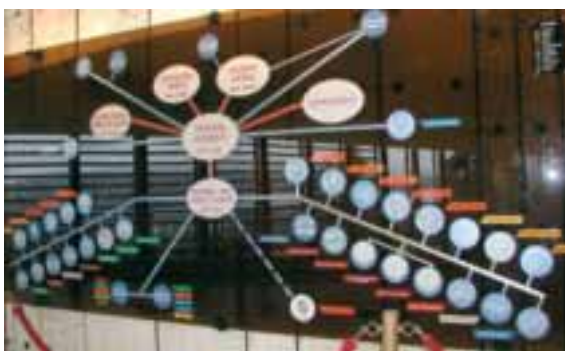
Quer a sala da imprensa, as livrarias, os bares, os restaurantes, as salas de reuniões, os corredores deste impressionante Palácio oferecem ao olhar do visitante magníficas obras de arte que valem, só por si, uma ida a esses espaços.

Em tempos mais primaveris, o parque é aberto ao público e aí outro acerbo se oferece aos nossos olhos: a “Esfera Armilar” (1939) – simboliza *O Universalismo*, oferta de Paul Manship para recordar o presidente dos EU, Woodrow Wilson, fundador da Sociedade das Nações – semente da Organização das Nações Unidas; “Tour de la Solitude” (1995), oferta do escultor Kiskebye para a exposição *Diálogos para a Paz*; “O Grande Centauro” e o “Monumento ao Sucesso do Homem nas conquistas espaciais”, doadas pelas antiga URSS; “A Família”, escultura em bronze, oferecida à UNICEF; os “Dois Mastros”, em alumínio, “La dispersion des graines, la collecte des cendres”, oferta da Alemanha... enfim, um sem número de Obras que nos contam o historial e o lema desta imprescindível Organização.

Há visitas guiadas, em vários horários e em várias línguas. Lembremos que as línguas oficiais nos trabalhos desta Organização são o inglês, o francês, o russo, o espanhol, o chinês e o árabe.

Se o tempo não está agradável para passear ao ar livre, aproveite e vá conhecer este “templo da Paz” onde se decide muito do que vai pelo nosso Planeta.

Catarina Reis



Pessoas

homenagem



Pedro Reis

De repente o riso se fez pranto...

O Horizonte riscou-se de amargura e compreendemos melhor que certos amigos são para sempre.

Suavemente, entram no nosso mundo e com a sua disponibilidade, alegria, coragem, empenhamento e palavra certa, incentivam, ajudam e, de repente, tudo fica mais fácil. É só no silêncio o coração pode dizer-te: bem-hajas pela tua dedicação e amizade.

Partiste. Mas ficas sempre connosco. Os amigos são para sempre seja qual for o lugar que habitem.



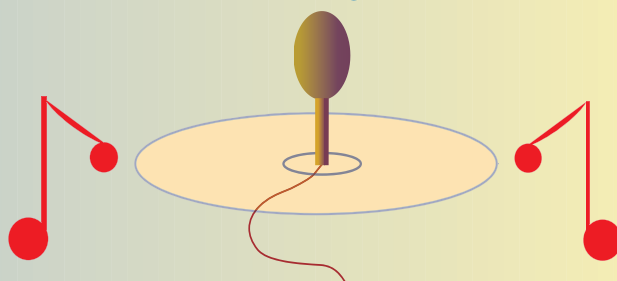
*A sua emissão de rádio
em português*

Sábados e Domingos

17h / 18.30h

Genève, 92.2 FM
cabo 98.6

Case postale 1111 • 1211 Genève 1
Tel: 022 309 09 58 / 022 309 09 59
hl@horalusitana.ch
www.horalusitana.ch



Brigada Ligeira

Continuamos, apesar do frio, a aquecer as mãos na complexidade da vida e dos oportunismos humanos.

Continuaremos a levar, até si, algumas ideias interessante, algumas opiniões construtivas e, ainda, algumas bordoadas levezinhas.

Leia-nos e discorde, para que a opinião seja mais plural e para que o nosso trabalho seja mais atraente.

O ano apenas começado, começamos à bordoadas com os salários de alguns senhores importantes em Portugal. Dizemos “bordoadas” e poderíamos dizer “cacetada”, “paulada” ou, ainda “caibrada”. Que Deus nos perdoe tamanha violência. Sabermos que há senhores que ganham mais de 150 mil euros por mês, é coisa que faz doer a decência e ofende os mais elementares princípios da equidade social. Por isso, toda a “pancadaria” que lhes cair em cima é descanso do corpo e desassossego da justiça. E uma vez mais, que nos seja concedido um perdão dos deuses por cometermos este caríssimo pecado. De pecados e de boas intenções deve estar o inferno cheio. Como deve estar cheio de fumadores, os novos pecadores e transgressores de leis pátrias, a não ser que ainda tenha alguns cêntimos para jogar no casino ou uma boa companhia, para sacudir o capacete, numa qualquer discoteca. Esta não lembrava ao diabo: não se pode fumar em sítio nenhum, mas há gente que pode fumar nalguns locais! Começo, agora, a compreender porque é que há senhores que enchem os bolsos com os salários que recebem e os charutos que compram, e outros senhores que, apenas, vão poder fumar “português suave,” na esquina da rua. Suave país que aperta o cinto, para uns, e oferece mordomias aos filhos de gente bem! Ou a fidalgos, diriam os antigos. E os antigos ainda se lembram de que, amealhar uns tostões, escondidos no colchão, poderia ser uma garantia, para mais tarde, em caso de doença ou de velhice. Como

acontece agora. Vejam como se esfuma a economia dos nossos dias e como nos anunciam catástrofes e desgraças financeiras: subida das taxas de juro, dos combustíveis, dos bens essenciais, dos medicamentos, das consultas médicas, dos livros, dos restaurantes, da vida, se quiser. O dinheiro de hoje apenas chega para amanhã e as poupanças de hoje vão desaparecer, no primeiro contratempo, na próxima semana. Dizem que a culpa é duma coisa chamada “subprime” e que vem dos Estados Unidos. Uma espécie de crédito hipotecário excessivo, oferecido a gente que deixou de ter o dinheiro suficiente para o reembolsar. Uma coisa parecida com um crédito de risco! Que assim seja. Como em todos os créditos do mundo, há sempre um risco, penso eu. Como aquele risco que qualquer um de nós pode correr, quando pede dinheiro para dar uma pincelada no apartamento ou mudar o telhado da casa. Ou ainda, o que é mais grave, aqueles riscos que se podem correr quando se anda, por aí, a fazer um figurão, dentro de um carrão, comprado com o dinheiro dos bancos! A não ser que seja presidente do Conselho de Administração de um banco qualquer. Por falar em bancos, não esqueça de se “abancar” na vida e no novo ano, apenas começado, com força, esperança, coragem e um sorriso. E não faça como os políticos: dizem sempre o contrário do que sentem e afirmam, sem pestanejar. “Abanque” na vida, de cabeça levantada: espere que a crise passe, mas faça por isso.

Genève

Consulado Geral de Portugal
Cônsul Geral – Dr. Júlio José Vilela
Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
Tel. 022 791 76 36 Fax 022 791 76 38
Chancelaria: 022 791 76 33
Serviços Sociais: 022 791 76 39
Atendimento: 08h30 – 13h30
mail@cggen.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
Responsável Dra. Graciete Camejo
Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
Tel. 022 798 87 66 / 67 Fax 022 798 87 68
ensinoge@hotmail.com

Livraria Camões
Bd. James Fazy, 18 - 1201 Genève
Tel 022 738 85 88 Fax 022 738 88 37
camoes@bluewin.ch
www.livraria-camoes.ch

Hora Lusitana - 92.2 FM /cabo 98.6
Emissão em Português na Rádio Cité
A P I C - Association Portugaise
d'Information et Culture
Sábados e Domingos das 17.00h às 18.30h
Tel. 022 309 09 58 Fax 022 309 09 69
hl@horalusitana.ch
www.horalusitana.ch

Banco Português e Investimento
R. de Lausanne, 36 - 1201 Genève
Tel. 022 906 17 90 Fax 022 906 17 93
www.bancobpi.pt

MILLENNIUM BCP
R. de Lausanne, 54 - 1202 Genève
Tel. 022 908 38 48 Fax 022 908 38 45
www.millenniumbcp.pt

Caixa Geral de Depósitos
R. de Lausanne 67-69 - 1202 Genève
Tel. 022 908 03 60 Fax 022 908 03 69
www.cgd.pt

Santander Totta
Rue de Genève 134 – 1226 Thônex-Suíça
Tel. 022 348 47 64 Fax 022 349 82 44
www.santandertotta.pt

Montepio Geral
R. Terreaux-du-Temple, 9 - 1201 Genève
Tel. 022 731 58 00 Fax 022 731 58 04
www.montepiogeral.pt

Lausanne

Banco Espírito Santo
Av. Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne
Tel. 021 614 00 14 Fax 021 614 00 15
www.bes.pt - emigr@bes.ch

MILLENNIUM BCP
Pl. Chauderon, 18 - 1002 Lausanne
Tel. 021 320 99 32 Fax 021 312 46 34
www.millenniumbcp.pt

S.E.P. VOYAGES
Av. de Montchoisi 2 - 1006 Lausanne
Tel. 021 601 08 30 Fax 021 601 08 31
agence@sep-voyages.com

Sion

Escritório Consular de Portugal
Chanceler - Rosa Paiva
Atendimento: 08h30 – 13h30
Av. du Midi, 7 - 1950 Sion
Tel. 027 323 15 11/16 10 Fax 027 323 51 11
mail@cggen.dgaccp.pt

Bern

Embaixada de Portugal em Berne
Dr. Eurico Henriques Paes
Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
Tel 031 351 17 73/74 Fax 031 351 44 32
Conselheiro Social - Dr. Manuel de Matos
Chancelaria: 031 352 73 49
Serviços Sociais: 031 351 17 42
mail@sceb.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
Coordenadora - Dra. Madalena Silva
Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
Tel. 031 352 73 49 Fax 031 351 44 32
epse@bluewin.ch

Zurique

Consulado Geral de Portugal
Cônsul - Dr. António de Antas de Campos
Zeltweg 13 - 8032 Zurique
Tel. 044 200 30 40 Fax 044 200 30 50
Serviços Sociais: 044 200 30 44
Serviços de Ensino: 01 361 33 32
Horário: 08h30 – 14h00
mail@cgzur.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
Responsável Dra. Fernanda de Almeida
Zeltweg 13 - 8032 Zurique
Tel. 044 261 33 32s Fax 044 200 30 50

Rádio Lora - 97.5 FM - Emissão em Português
Espaço Português - Zurique
Sábado - das 15.30h às 17.00h
Tel. 044 567 24 00 Fax 044 567 24 17
www.lora.ch - programa@lora.ch

Rádio - Kanal-K - 92.2 ou 94.4 FM
Emissão em Português
Espaço Português - Aarau

Quinta-Feira - das 19.00h às 20.00h
Tel. 062 834 90 80 Fax 062 834 90 74
www.kanalk.ch - admin@kanalk.ch

MILLENNIUM BCP
Wyssgasse, 6 - 8004 Zurique
Tel. 044 296 60 40 Fax 044 240 50 45
www.millenniumbcp.pt

ICEP-Portugal
Zeltweg, 15 - 8032 Zürich
Tel. 043 268 87 68 Fax. 043 268 87 60
www.icep.pt - icep@icep.ch

TAP Air Portugal
Gotthardstr. 56 - 8002 Zürich
Tel. 043 344 38 88 Fax. 043 344 38 89
tap.switzerland@tap.pt

Agência de Viagens Félix
Dubsstrasse 47 - 8003 Zürich
Tel. 044 450 82 22 Fax 044 450 82 20
www.agenciafelix.ch

Jornais e Revistas

Boletim Informativo
Lusitano de Zürich
Birmensdorferstr. 48 - 8004 Zürich
Tel. 01 241 52 15

Gazeta Lusófona
Dir. Adelino Sá
Postfach 3010 - 6002 Luzern
Tel. 041 310 06 30 Fax 041 311 02 42
a_sa@gazetalusofona.ch
www.gazetalusofona.ch

Guia Info Shop
Dir. Carlos Lopes
Wasserfallstr. 72 A - 6390 Engelberg
Telm.079 432 13 47
www.infoshoppportugal.com

Luso Anuário
Dir. Mário Pereira
Case Postal 459 - 1226 Thônex-Suíça
Tel. 079 775 62 88
www.lusoanuario.com
lusoanuario3@msn.com

Luso Helvético
Dir. Ribeiro Santos
Case Postal, 268 - 1030 Bussigny
Tel. 021 701 95 61 Fax 021 701 95 64
director@luso-helvetico.ch
www.luso-helvetico.com

PESSOAS-magazine
Dir. António Pinheiro
Case Postal, 1877 - 1211 Genève 1
Tel. 022 738 85 25 Fax 022 738 88 37
pessoasmagazine@bluewin.ch

SOLUÇÕES PARA PORTUGUESES RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

BANK?
BANQUE?
BANCO
É A CAIXA.

10 ANOS
SUIÇA
ESCRITÓRIO
DE REPRESENTAÇÃO

Rue de Lausanne, 67/69
1202 GENÈVE
Tel. 022 908 03 60/1/2
Fax. 022 908 03 69



Caixa Geral
de Depósitos

HÁ MAIS NA CAIXA
DO QUE VOCÊ IMAGINA.

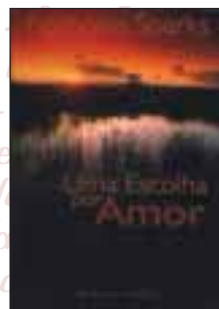
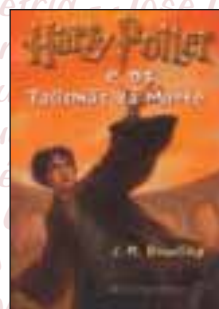
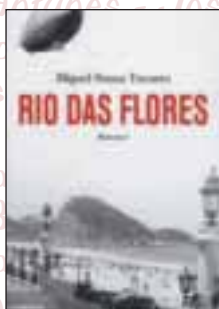
Portugal | Alemanha | Bélgica | Espanha | França | Holanda | Luxemburgo | Mônaco | Reino Unido | Suíça | África do Sul | Cabo Verde | Moçambique | São Tomé e Príncipe
Índia | Timor Leste | Brasil | EUA | Ilhas Caimão | México | Venezuela

Livraria Camões



Concretize sonhos!
Ofereça livros!

Os dez mais



Música

Os Cinco mais



Literatura Portuguesa
romance, ficção, ensaio, investigação,
culinária, história, conto, aventura...
Manuais escolares e toda a música
portuguesa disponível em CD e DVD.

Visite-nos em:

www.livraria-camoes.ch